

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA**

**LAÍS NAVARRO DA CUNHA**

**USOS DO PASSADO E O ENSINO DE HISTÓRIA:  
UMA PROPOSTA A PARTIR DA MINISSÉRIE TELEVISIVA *MULHERES DE ABRIL*  
(2014) E DA OBRA LITERÁRIA *OS MEMORÁVEIS* (2014)**

**ALFENAS/MG**

**2024**

**LAÍS NAVARRO DA CUNHA**

**USOS DO PASSADO E O ENSINO DE HISTÓRIA:  
UMA PROPOSTA A PARTIR DA MINISSÉRIE TELEVISIVA *MULHERES DE ABRIL*  
(2014) E DA OBRA LITERÁRIA *OS MEMORÁVEIS* (2014)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa em História Ibérica.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai

**ALFENAS/MG**

**2024**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central

Cunha, Laís Navarro da.

Usos do passado e ensino de história : uma análise da minissérie televisiva Mulheres de Abril e da obra literária Os Memoráveis / Laís Navarro da Cunha. - Alfenas, MG, 2024.

65 f. : il. -

Orientador(a): Marta Gouveia de Oliveira Rovai.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Usos do passado. 2. Portugal. 3. Ensino de História. 4. Mulheres. I. Rovai, Marta Gouveia de Oliveira, orient. II. Título.

Às minhas sobrinhas, Sara Ramos da Cunha e Stela Ramos da Cunha.

LAÍS NAVARRO DA CUNHA

USOS DO PASSADO E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA MINISSÉRIE TELEVISIVA MULHERES DE ABRIL E DA OBRA LITERÁRIA OS MEMORÁVEIS

O(A) Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 30 de abril de 2024.

Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Marcelo Hornos Steffens

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Ricardo Santhiago

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-SP)



Documento assinado eletronicamente por **Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Professor do Magistério Superior**, em 06/05/2024, às 08:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1241048** e o código CRC **E56CE9AF**.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço aos meus pais e a minha família, que sempre me apoiaram e incentivaram nos estudos.

Agradeço a minha orientadora, Marta Rovai, que foi muito compreensiva comigo e com minhas dificuldades durante todo o processo de pesquisa.

Agradeço aos meus amigos Denis, Mauro e Vívian, que foram grandes apoiadores nos momentos mais difíceis.

Agradeço à Escola Cesário Coimbra, aos meus colegas de trabalho e alunos, que de muitas formas me ajudaram.

E um agradecimento especial ao meu irmão que acabou sendo solicitado algumas vezes para ler o meu trabalho, bem como alguns amigos e a minha prima Bárbara, professora de espanhol que me deu uma força na tradução do resumo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Este trabalho busca compreender os usos do passado da Revolução dos Cravos – ocorrida em Portugal, no ano de 1974 –, na minissérie *Mulheres de Abril* (2014) e no romance literário *Os Memoráveis* (2014), com a finalidade de apresentar uma proposta de ensino. A partir dos caminhos percorridos pela pesquisa, observou-se a influência dos debates políticos e econômicos presentes na sociedade portuguesa contemporânea. O objetivo principal da investigação foi, – a partir da análise das fontes históricas fílmica e literária – a criação de um Objeto de Aprendizagem voltado para o ensino de história nas unidades de educação básica. Dessa forma, elaborou-se um material didático em formato de livro paradidático que, ao discutir os usos do passado, estimula uma relação com o tempo pouco explorada nas aulas de história do ensino básico: a historicização do presente. Esse processo viabiliza a articulação do passado, do presente e do futuro. Sendo assim, há o propósito de auxiliar o (a) docente a construir - em conjunto com seus estudantes - habilidades investigativas que são essenciais para o desenvolvimento de análises da realidade a qual o sujeito está inserido. Muito além do objetivo de discutir os temas e processos históricos presentes nas narrativas ficcionais das fontes históricas, a proposta de Objeto de Aprendizagem aqui em questão pretende ser uma ferramenta para a edificação de habilidades essenciais no ensino de história.

**Palavras-chave:** usos do passado; Portugal; *Mulheres de Abril*, *Os Memoráveis*, ensino de história.

## RESUMEN

Este trabajo busca comprender los usos del pasado de la Revolución de los Claveles- que tuvo lugar en Portugal, en el año 1974-, en la miniserie *Mulheres de Abril* (2014) y en la novela literaria *Os Memoráveis* (2014). A partir de los caminos recorridos por la investigación, observó la influencia de los debates políticos y económicos presentes en la sociedad portuguesa contemporánea. El objetivo principal de la investigación fue- a partir del análisis de fuentes históricas - la creación de un Objeto de Aprendizaje dirigido a la enseñanza de historia en unidades de educación básica. De esta manera, se creó un material didáctico en forma de libro que, al discutir los usos del pasado, estimula una relación con el tiempo poco explorada en las clases de historia de educación básica: la historización del presente. Este proceso permite la articulación del pasado, presente y futuro. Por lo tanto, el propósito es ayudar al docente a construir conjuntamente a sus estudiantes habilidades investigativas que son esenciales para desarrollar análisis de la realidad en la que el sujeto se inserta. Mucho más allá del objetivo de discutir los temas y procesos históricos presentes en las narrativas ficticias de fuentes históricas, la propuesta de Objeto de Aprendizaje en cuestión pretende ser una herramienta para construir habilidades esenciales en la enseñanza de historia.

**Palabras clave:** usos del pasado, Portugal; *Mulheres de Abril*; *Os Memoráveis*; enseñanza de historia.

## ABSTRACT

This paper aims to understand the Uses of the Past of Carnation Revolution (1974, Portugal), by the minisserie *Mulheres de Abril* (2014) and by the novel *Os Memoráveis* (2014). Based of the paths taken by the research, the influence of political and economic debates present in contemporary Portuguese society was observed. The main objective of the research was the creation of a Learning Object for history teaching in the basic education. In this way, a Textbook was created and when discussing uses of the past, it stimulates a time perception that is little explored in history classes: historicization of the presente time. This process makes it possible to articulate the past, present and future. Therefore, The purpose is to help the teacher build investigative skills together with students, essential for the development of analyzes of the reality in which the subject is inserted. Far beyond the objective of discussing the historical processes in the both fictional narratives of historical sources, the Learning Object proposal aims to be a tool for building essential skills in teaching history.

**Keyword:** uses of the past; Portugal; history teaching; women.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PROPOSTA DE OBJETO DE APRENDIZAGEM</b> .....	<b>11</b>
2.1	APRESENTAÇÃO .....	11
2.2	DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES .....	11
2.3	OBJETO DE APRENDIZAGEM .....	14
<b>3</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>MULHERES DE ABRIL E OS MEMORÁVEIS</b> .....	<b>43</b>
4.1	USOS DO PASSADO .....	45
4.2	A HISTÓRIA DAS MULHERES E SUA INSERÇÃO ATIVA NA SOCIEDADE PORTUGUESA .....	48
4.3	A NARRATIVA FICCIONAL NA MINISSÉRIE <i>MULHERES DE ABRIL</i> E NO ROMANCE OS MEMORÁVEIS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÕES .....	51
4.4	O CASO DE <i>MULHERES DE ABRIL</i> .....	53
4.5	O CASO DE <i>OS MEMORÁVEIS</i> .....	57
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Parte-se do pressuposto de que a construção do conhecimento histórico a partir da utilização de fontes históricas contribui para uma educação que tem como objetivo a autonomia do estudante, na medida em que desenvolve a habilidade de análise da realidade em que o sujeito está inserido. Dessa forma, o Objeto de Aprendizagem proposto aqui foi guiado pela análise da minissérie portuguesa *Mulheres de Abril* (2014) e pelo romance literário *Os Memoráveis* (Jorge, 2022).

A partir das análises das fontes, pretende-se construir habilidades com os estudantes que envolvam a identificação de processos de rupturas e continuidades com o passado; o desenvolvimento de um olhar investigativo e questionador e a desconstrução da ideia de que estudar história só é possível seguindo uma ordem cronológica.

As fontes históricas escolhidas propiciam um olhar mais complexo para o tempo, na medida em que, ao discutir os usos do passado, estimula uma relação com o tempo pouco exploradas nas aulas de história do ensino básico, que diz respeito à historicização do presente, o que viabiliza a articulação do passado, do presente e do futuro.

Abaixo, seguem as orientações para o desenvolvimento do Objeto de Aprendizagem.

## 2 PROPOSTA DE OBJETO DE APRENDIZAGEM

### 2.1 APRESENTAÇÃO

- **Tema:** Usos do passado em narrativas ficcionais.
- **Título:** Uma análise da minissérie *Mulheres de Abril* (2014) e do romance *Os Memoráveis* (Jorge, 2022).
- **Conteúdos históricos:** Revoluções do século XX; Fascismo; História Contemporânea; Usos do Passado e História de Portugal.
- **Etapa de escolarização indicada:** O Objeto de Aprendizagem pode ser utilizado nas turmas a partir do 9º ano do Ensino Fundamental. Porém, recomenda-se as turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e as turmas de 3º ano do Ensino Médio, no momento em que forem trabalhadas as Revolução do século XX e o fascismo na Europa.
- **Duração em minutos:** 150 minutos.
- **Duração em tempos de aula:** 3 aulas.
- **Objetivos:** Auxiliar estudantes e docentes a identificarem os usos do passado a partir da análise das fontes históricas propostas no presente, com o objetivo de desenvolver habilidades investigativas e fomentar a articulação do tempo passado, presente e futuro.
- **Metodologia:** Consiste na análise da minissérie *Mulheres de Abril* e do romance *Os Memoráveis*. Serão selecionados trechos das narrativas ficcionais que estimulam a compreensão das intencionalidades de cada fonte e que possibilitarão o recurso da comparação. Todo o processo deve ser mediado pelo (a) docente, com os auxílios do texto que acompanha o Objeto de Aprendizagem e de um roteiro que será disponibilizado adiante.
- **Recurso didático principal:** Projetor, notebook, acesso à internet, lápis ou caneta.

### 2.2 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

**1ª aula:** Na primeira aula, o/a docente deve apresentar o material e produzir uma aula expositiva sobre a Revolução dos Cravos e suas celebrações nos anos que se seguiram, até chegar às ações que ocorreram no ano de 2014. Em seguida, as fontes históricas já podem ser apresentadas, seguindo o Objeto de Aprendizagem. É importante que o/a docente faça um

resumo das narrativas ficcionais das fontes, ou seja, conte aos estudantes o enredo principal.

**2ª aula:** Nesse momento, deve ser exibido os trechos, elencados abaixo, do 3º episódio da minissérie. O episódio se encontra hospedado na plataforma de vídeos *Dailymotion*, bem como os outros episódios.<sup>1</sup> Seguem os trechos que serão analisados:

**13min. 20seg.:** Carlos, pai de Ana, recebe a chave de seu carro novo.

Nesse trecho, deve-se chamar a atenção para o fato de haver a propaganda da marca de automóveis *Mercedes-Benz* e para o diálogo das personagens. Em dado momento, Carlos comenta com sua esposa sobre não poder deixar a logotipo da marca, por ser, segundo ele, um carro capitalista, dando a entender que seria perigoso.

**13min. 55seg.:** A cena se inicia com Carlos e alguns amigos em um café. Na imagem, aparece a data 16 de junho de 1975. Antes de dar continuidade a exibição do trecho, considera-se útil informar aos estudantes que a data faz parte do PREC e que exatamente no mesmo dia o governo revolucionário assinou o Decreto-Lei n. 292 (Portugal, 1975), que dispunha sobre um salário mínimo para todos os trabalhadores portugueses. Segue o primeiro parágrafo do documento:

A caminho de um socialismo português, há que repensar e reestruturar a dinâmica das relações de trabalho. Em ordem, antes de mais, à valorização do próprio trabalho, como factor político de crescente projecção e influência (Portugal, 1975).

Em seguida, sugere-se que o/a docente continue a transmissão do trecho anterior, pedindo para os estudantes se atentarem que, logo no início da cena, Carlos está lendo um jornal e dizendo para seus colegas, em tom de reclamação, que os contrarrevolucionários deveriam agir logo. Tal afirmação, leva um dos seus amigos a se posicionar a favor do PREC e, assim, se inicia um conflito, fazendo com que Carlos profira ideias anticomunistas.

**14min. 47seg.:** O funcionário de Carlos Guedes adentra à sala do patrão e, na parede, ao fundo, é possível perceber que há um quadro com o desenho do que aparenta representar as grandes navegações. Aqui, recomenda-se que o/a docente informe aos estudantes que Salazar era um grande admirador do colonialismo português.

---

<sup>1</sup> Disponíveis em: 1º episódio: <https://dai.ly/x30ih0s>; 2º episódio: <https://dai.ly/x30kwi5>; 3º episódio: <https://dai.ly/x311251>; 4º episódio: <https://dai.ly/x313poq> e 5º episódio: <https://dai.ly/x31of04>. Acesso em: 3 abr. 2024.

**17min. 40seg.:** Se inicia a cena na qual Ana apresenta o namorado, Nuno, para seu pai. Novamente, ocorre um embate por questões políticas.

**22min. 41seg.:** Ana acaba de contar ao namorado comunista sobre sua gravidez. A reação da personagem de Nuno é negativa, chegando a acusar a companheira de não ter sido fiel e de desconfiar sobre a paternidade.

**29min. 35seg.:** A cena se inicia com a data 25 de novembro de 1975 na imagem. Carlos e sua esposa estão sentados no sofá assistindo ao noticiário e ele comenta com ela que o que está acontecendo naquele dia pode ser muito bom, já que o país deixaria de ser vermelho. É importante lembrar, em conjunto com os estudantes, que em 25 de novembro de 1975 aconteceu o movimento entendido como contrarrevolucionário.

Acredita-se ser válida a transmissão do episódio na íntegra, caso o/a docente puder dispor de mais uma aula para o desenvolvimento deste Objeto de Aprendizagem.

Após a exibição de todos os trechos sugeridos, o/a docente deve orientar um diálogo com os estudantes sobre suas impressões. Seguem questionamentos válidos a serem feitos:

- O que vocês pensaram sobre a personagem de Carlos? Como ele se comporta enquanto pai?
- O que vocês pensaram sobre a personagem de Nuno?
- Quais são as vertentes políticas defendidas por Carlos e por Nuno? Elas são diferentes?

**3ª aula:** Na última aula, o romance literário *Os Memoráveis* deve ser apresentado como uma fonte histórica a mais para ser analisada.

O/A docente deve realizar uma leitura coletiva do Objeto de Aprendizagem, fazendo apontamentos que levem em consideração o que foi estudado na pesquisa desenvolvida aqui. Além disso, deve auxiliar os/as estudantes no processo de desenvolvimento das atividades, intervindo para instigar o olhar analítico dos estudantes.

## 2.3 OBJETO DE APRENDIZAGEM

# USOS DO PASSADO DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS NAS FONTES HISTÓRICAS



MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO PARA SER UTILIZADO NAS  
TEMÁTICAS QUE ENVOLVAM AS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XX

Este material didático foi produzido pela professora e estudante Laís Navarro da Cunha, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (PPGHI), da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).



ALFENAS-MG  
2024

Olá, estudante.

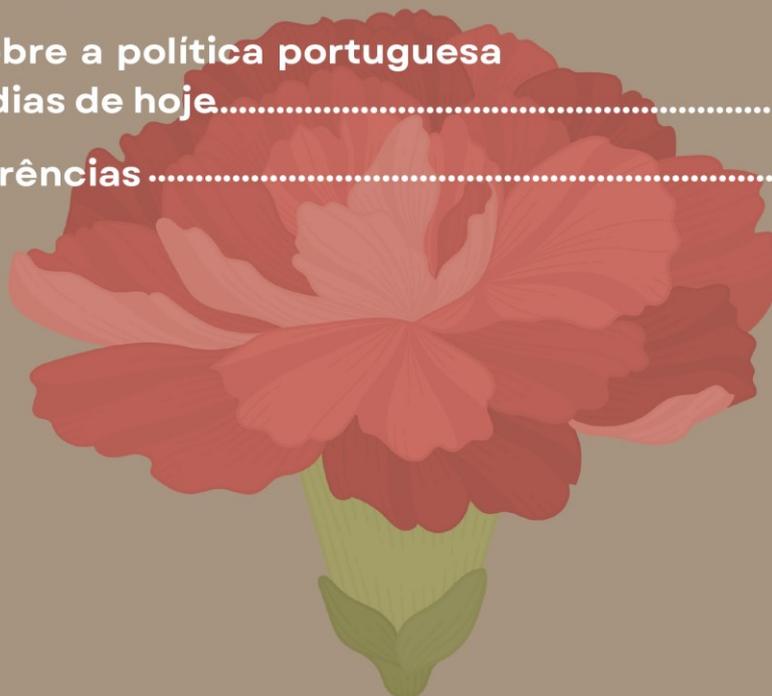
Neste material você irá estudar sobre a Revolução dos Cravos em Portugal e os usos do passado, por meio da análise de fontes históricas!

Vamos nessa?



# SUMÁRIO

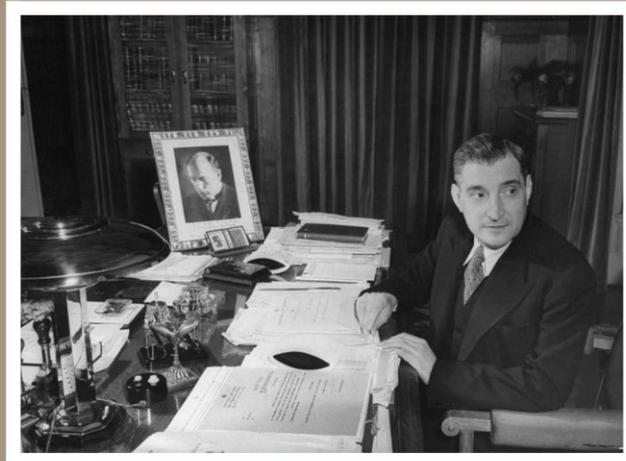
1 O fim do Salazarismo e a Revolução dos Cravos.....	1
2 A Revolução de 25 de Abril de 1974.....	3
3 As celebrações da Revolução .....	5
4 As fontes históricas em questão.....	7
5 Apresentando as fontes históricas .....	8
6 Usos do Passado em <i>Mulheres de Abril e Os Memoráveis</i> .....	14
7 Sobre a política portuguesa nos dias de hoje.....	15
Referências .....	21



# 1

## 1.O fim do Salazarismo e a Revolução dos Cravos

Em 1933 se iniciou o Estado Novo Português, regime ditatorial comandado por António de Oliveira Salazar. A ditadura salazarista se aproximou da ideologia fascista, tendo sido Salazar um admirador do Benito Mussolini, líder do fascismo italiano.



Salazar à secretária  
com fotografia de  
Mussolini, em Lisboa.  
1940  
Foto de Bernard  
Hoffman

Nos seus mais de 40 anos de duração, a ditadura do Estado Novo criou a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a PIDE, polícia política utilizada para perseguir opositores. Além disso, fortaleceu a censura e, principalmente, intensificou a guerra colonial portuguesa.

## 3

Formou-se, assim, o Movimento de Forças Armadas (MFA). O MFA, de influências políticas socialistas, no dia 25 de Abril de 1974, deu início ao golpe de Estado que ficaria conhecido como Revolução dos Cravos.

## 2. A Revolução de 25 de Abril de 1974

Na madrugada de 25 de Abril de 1974, o MFA adentrou a sede da Rádio e Televisão de Portugal (RTP) e colocou para transmitir a música *Grândola, Vila Morena* (1971), do cantor e compositor José Afonso.



Capa do *single* de Grândola, Vila Morena (1971).

## 4

Sem quase nenhum derramamento de sangue, o MFA consegue derrubar Marcello Caetano, então presidente da ditadura do Estado Novo, após a saída de Salazar, por questões de saúde.

A partir desse momento, deu-se início o Processo Revolucionário em Curso, o PREC. Durante esse período, foram conquistados diversos direitos sociais por parte dos movimentos sociais portugueses, como a Reforma Agrária. No dia 25 de novembro de 1975, aconteceu um movimento liderado por parte das forças armadas, com o objetivo de colocar fim ao PREC, considerado um processo de extrema-esquerda. Dessa forma, chegou ao fim a Revolução dos Cravos, porém, com ela, ficou a instauração de um regime democrático, as eleições livres, a garantia de direitos à classe trabalhadora e a expansão ao combate à desigualdade de gênero. O dia 25 de Abril de 1974 passou a ser celebrado todos os anos em Portugal.

## Por que os cravos?

A responsável pelo dia 25 de Abril ser conhecido como Revolução dos Cravos foi a portuguesa Celeste Caiero.



Soldados portugueses no dia 25 de Abril de 1974, com cravos no cano de suas armas.

No dia 25 de Abril de 1974, Celeste Caiero chegou ao restaurante para mais um dia de trabalho. Seria a inauguração de um novo serviço de refeições no local. Ela estava com os cravos vermelhos que seu patrão havia encomendado para enfeitar o local. Ao se deparar com as portas do restaurante fechadas, Celeste foi procurar saber o que estava acontecendo em Lisboa. Já na região central da cidade, ficou sabendo do movimento que estava acontecendo e saiu distribuindo os cravos para os militares. Assim, o 25 de Abril foi batizado de Revolução dos Cravos.



Celeste Caiero, já idosa e posando para foto com cravos vermelhos.

## 5

### 3. As celebrações da Revolução

O 25 de Abril acabou se tornando uma data festiva, comemorada nas universidades por meio de eventos acadêmicos, na televisão a partir de minisséries e documentários e, principalmente, nas ruas. É possível afirmar que se encontram nas comemorações atuais, tanto os militantes políticos da esquerda socialista, quanto os militantes da direita liberal. A historiadora Raquel Varela (2012, p.187), reitera que o 25 de abril é o feriado de Portugal que mais tem adesão da população.

Imagem registrada no feriado de 25 de abril de 2014, nas celebrações dos 40 anos da Revolução. Foto de Patrícia de Melo Moreira.



## 6

Cerca de 50 a 100 mil pessoas desfilam na Avenida Liberdade, em Lisboa, e as comemorações se estendem por todo o país, com exaltação à Revolução e aos direitos democráticos e de segurança social obtido por meio dela. Para Varela, além de ser um dia de festa, o 25 de abril tem uma particularidade:

Junta, no mesmo desfile, homens e mulheres que fizeram a revolução, iniciada a 25 de abril de 1974, e dirigentes que iniciaram a contrarrevolução, encabeçando o golpe de 25 de novembro de 1975. Esta imagem, que se repete ano após ano, é possível porque há um largo consenso na sociedade portuguesa, hoje, sobre as virtudes de uma revolução que trouxe as liberdades democráticas e pôs fim à guerra colonial e à ditadura do Estado Novo (VARELA, 2012, p.187).

A Revolução dos Cravos pode ser considerada, portanto, um processo histórico que promoveu rupturas na sociedade portuguesa e foi constituído como um fato histórico que deveria ser celebrado e lembrado com frequência. No ano seguinte ao processo revolucionário, o 25 de abril foi logo institucionalizado como um dia político a ser lembrado.

## 4. As fontes históricas em questão

7



Os vestígios deixados pelos seres humanos ao longo do tempo são utilizados pelos historiadores com objetivo de responder suas perguntas sobre o passado ou o presente. Esses vestígios passam a ser chamados, então, de fontes históricas.

É importante sabermos que as fontes históricas somente podem ser utilizadas como fonte de pesquisa do tempo em que elas foram cunhadas. Por exemplo, as fontes históricas que vamos analisar aqui são do ano de 2014, portanto, elas serão importante para estudarmos o ano de 2014 e os processos que estão relacionados ao período.

## 8

## 5. Apresentando as fontes históricas

### A minissérie *Mulheres de Abril*



Pôster de lançamento da minissérie *Mulheres de Abril*

Em 2014, Portugal comemorou os 40 anos da Revolução dos Cravos, como parte das comemorações foi transmitida a minissérie televisiva *Mulheres de Abril* (2014), idealizada e escrita por Henrique Oliveira em conjunto com sua produtora, *HOP!* e exibida pela emissora nacional, *RTP*.

"*Mulheres de Abril*", a minissérie que assinala os 40 anos do 25 de Abril de 1974

“Ana faz 60 anos no dia 25 de Abril de 2014. • [Sinótese retirada do site da RTP](#)

O 25 de Abril faz 40 anos e Ana fez 20 anos no 25 de Abril de 1974. Ana decide convidar para jantar as mulheres da sua vida. São elas, Isabel, a sua mãe, a sua filha Patrícia e a sua neta Sofia, a sua sobrinha Maria, a sua grande amiga de sempre, Luísa e finalmente Rosa, a antiga criada da família com quem Ana e Isabel mantêm uma relação muito próxima. Ao longo do jantar, todas elas vão contando histórias e recordações do passado e presente, de várias gerações de mulheres, começando por Ana que recorda o dia 25 de Abril de 1974, o dia em que fez 20 anos.

Ao longo dos 5 episódios da minissérie, e tendo sempre como ponto de partida o jantar de Ana, vamos (re)conhecer recordações de várias épocas do século XX, que vão dos anos 20, 30 e 40, passando principalmente pelos anos 70 (antes da Revolução, durante e após) e finalmente o novo milénio.

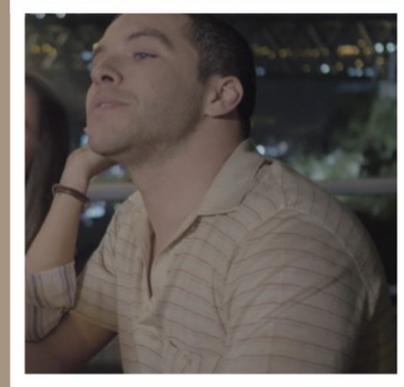
A minissérie trata fundamentalmente da condição feminina e da evolução de costumes e mentalidades que afetaram a mulher desde as primeiras décadas do século XX até à atualidade.“

## 9

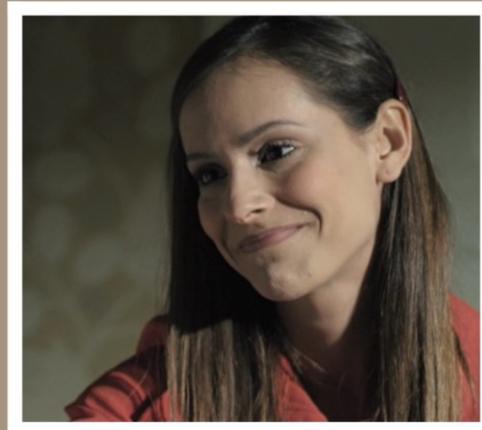
## As personagens importantes para nossa investigação...



Carlos  
(Pai de Ana)



Nuno  
(Namorado de Ana)



Ana  
(Protagonista)

Para nossa análise, utilizaremos o 3º episódio de *Mulheres de Abril*, intitulado *Um longo e quente Verão*.

Exibido em 23 de abril de 2014, o terceiro episódio de *Mulheres de Abril* tem início com o jantar sendo servido e, em seguida, Isabel, mãe de Ana, recorda o dia 25 de abril de 1975, aniversário de 21 de sua filha. No dia, aconteceu uma festa em que a protagonista foi autorizada pelo pai a chamar os amigos. Após a festa, os jovens decidem ir à praia e, no caminho, encontram Nuno que, posteriormente, se torna namorado de Ana. O episódio se estende pela década de 70, abordando a gravidez indesejada de Ana, o abandono do namorado após saber que ela estava grávida e seu uso excessivo de heroína. Além disso, o episódio destaca a preocupação e medo de seu pai em relação aos rumos da Revolução e do possível fortalecimento do comunismo em Portugal.

A narrativa também aborda o drama de Rosa – antiga parecido com o de Ana, ambas engravidaram e foram abandonadas pelos pais das crianças.

10

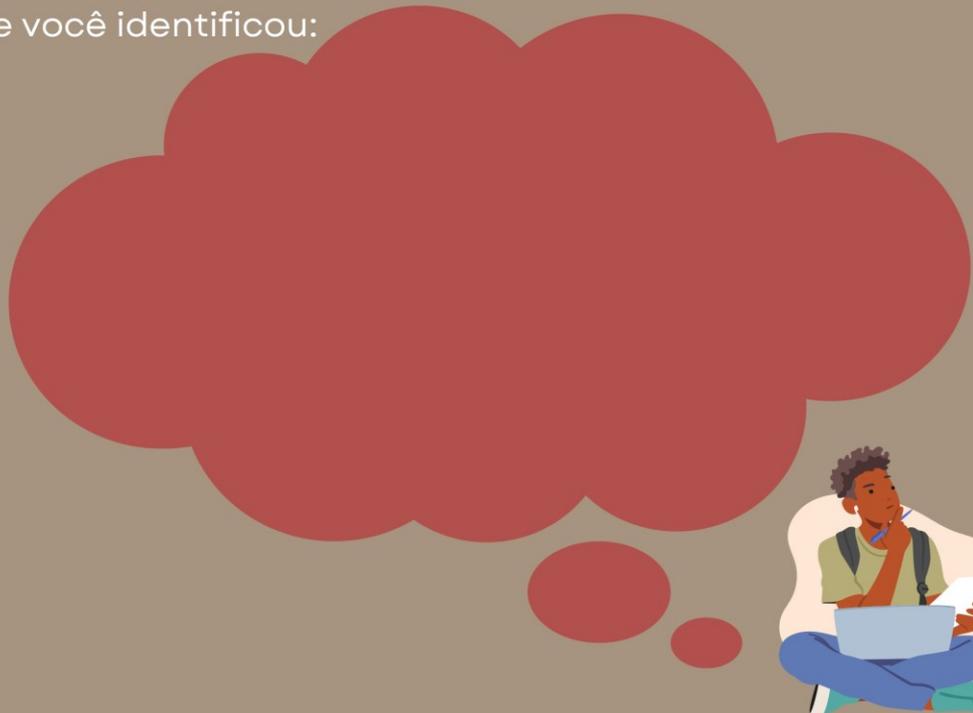
## Vamos assistir ao 3º episódio de *Mulheres de Abril* juntos?

Neste momento, devemos nos atentar às personagens apresentadas na página anterior e como elas se relacionam na narrativa construída no episódio.



Após a exibição, convido você a identificar quais temas são abordados pela narrativa.

Preencha a “núvem de ideias” abaixo com os temas que você identificou:



Agora, vamos a outra fonte histórica que fará parte da nossa investigação. Vem comigo!



## O romance *Os Memoráveis* **11**



Capa da primeira edição do romance literário *Os Memoráveis*

*Os Memoráveis* é um romance ficcional escrito pela autora portuguesa Lídia Jorge, em 2014. O livro foi publicado primeiramente pela editora *Dom Quixote*.

O enredo gira entorno da produção de um documentário sobre a Revolução dos Cravos, encomendado pela emissora de televisão estadunidense, em que trabalha a protagonista da narrativa, Ana Maria Machado.

### Uma revisitação literária aos mitos fundadores da Revolução e da Democracia.

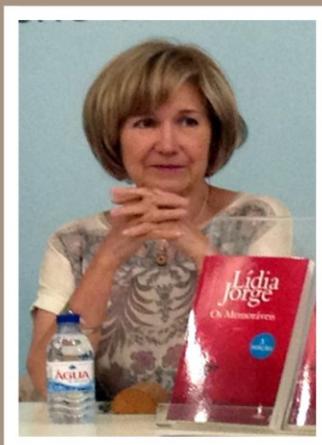
\*Sinótese retirada do site da livraria Almedina.

“Em 2004, Ana Maria Machado, repórter portuguesa em Washington, é convidada a fazer um documentário sobre a Revolução de 1974, considerada pelo embaixador americano à época em Lisboa como um raro momento da História. Aceitado o trabalho, regressa, contrata dois antigos colegas, e os três jovens visitam e entrevistam vários intervenientes e testemunhas do golpe de Estado, revisitando os mitos da Revolução. Um percurso que permite surpreender o efeito da passagem do tempo não só sobre esses heróis, como também sobre a sociedade portuguesa, na sua grandeza e nas suas misérias. Transfiguradas, como se fossem figuras sobreviventes de um tempo já inalcançável, as personagens de *Os Memoráveis* tentam recriar o que foi a ilusão revolucionária, a desilusão de muitos dos participantes e o árduo caminho para uma Democracia. Paralela a esta acção decorre uma outra, pessoal e íntima: a história do pai da protagonista, António Machado, que retrata em privado o destino que se abate sobre todos os outros. Todos vivem na Democracia, uma espécie de lugar de exílio. Mas um dia, todas as misérias serão esquecidas, quando se relatar o tempo dos memoráveis.”

## 12

## Vamos ler um trecho juntos do romance *Os Memoráveis*?

“ Há uma estupidez inerente às coisas, como também há uma sabedoria, e essa realidade bipolar ora mostra a face esquerda, ora nos mostra a outra face. A fotografia do *Memories* era-me apresentada, à chegada, mostrando a sua força clara. Assim, eu não iria sequer falar da fotografia a António Machado. Iria guardá-la, e ele nem daria pela falta, tão lá em cima se encontrava, entalada entre outras, perto do teto, expulsa do olhar vivo do presente, relegada já para o lugar inativo do lixo ou do reconto. Eu poderia mesmo avaliar os anos durante os quais nem o meu pai nem quem quer que fosse lhe havia tocado, através da espessura da poeira que eu mesma tinha removido com um kleenex e a manga do meu casaco. Fora necessário sacudir a manga. Talvez cinco anos, talvez dez? Ou desde aquele início de verão em que Rosie Honoré Machado se tinha ido embora para sempre? Ou estaria eu confundida com o tempo? Nesse caso, haveria dezasseis anos. Aprendi no deserto que na poeira se encontram escritos livros inteiros” (JORGE, 2014, 4ª capa).



A escritora Lídia Jorge em um dos eventos de lançamento do romance *Os Memoráveis*, em 2014.

### Lídia Jorge, a autora do livro, disse em uma entrevista o seguinte:

Deve-se ter em conta que o dia 25 de Abril, na sua pureza original, terá durado apenas vinte e uma horas. Essa contradição, e a forma como ao longo de trinta anos ela se aprofundou, constitui o corpo ficcional desse livro, com o epicentro da acção localizado em 2004. O ponto de vista, porém, coincide com o tempo que estamos a viver, dez anos mais tarde, o ano de 2014. (GASTÃO, 2015, p. 144)

13

A pesquisadora Karina Frez Cursino, em artigo publicado em 2023, intitulado *A História em vigília: a Revolução dos Cravos em Os Memoráveis*, de Lídia Jorge, faz a seguinte análise:

*Os Memoráveis*, jogando de maneira ficcional com a memória individual e coletiva, mostra a forte intenção de levar adiante a imagem da Revolução dos Cravos, seja narrando a verdade ou não, o que se torna irrelevante, pois mais importante do que acessar o discurso oficial da História é despertar a fagulha da Revolução nos tempos atuais, movendo os indivíduos de suas zonas de conforto e promovendo mudanças na maneira de pensar a democracia em Portugal. (CURSINO, 2023, p. 173).

Agora, vamos iniciar o nosso processo de análise das fontes!



Em conjunto com seu/ sua professor/a, faça a leitura dos textos a seguir:

## 6. Usos do Passado em *Mulheres de Abril* e *Os Memoráveis*

O ano de 2014 - que compreende as fontes históricas aqui em questão - foi percebido enquanto um momento de disputas de narrativas sobre o que havia significado a Revolução dos Cravos. De um lado, pessoas às ruas protestando contra o governo português e apontando os retrocessos vividos desde 1974 e; do outro lado, manifestantes afirmando que o país só vive uma democracia porque a Revolução de Abril aconteceu e, portanto, é necessário respeitar os agentes históricos que participaram ativamente desse processo e celebrar a data.

A Revolução dos Cravos foi logo incorporada aos temas preferidos a serem explorados pela indústria cultural portuguesa, tendo como uma das primeiras obras o documentário português *As Armas e o Povo* (1975), produzido pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha, ainda durante o Processo Revolucionário em Curso, período conhecido como PREC. Atualmente, o processo revolucionário continua sendo um tema amplamente utilizado nos produtos culturais portugueses, como é o caso das narrativas ficcionais que estamos estudando, produzidas no ano de 2014. Essas narrativas compartilham uma ação central para a construção desta pesquisa: o uso do passado, ou seja, de um processo histórico como tema principal.

Os usos do passado podem apresentar diferentes intencionalidades e objetivos. Uma narrativa televisiva, como é o caso de *Mulheres de Abril* e uma narrativa literária, como *Os Memoráveis* constroem percepções sobre a realidade. Ainda que se utilizando do passado, essas produções carregam mais informações do presente em que elas foram criadas, do que informações do passado representado. Portanto, as fontes estudadas aqui respondem mais aos às questões do ano de 2014.

A historiadora portuguesa Luciana Soutelo relaciona os usos do passado da Revolução com o fortalecimento do liberalismo e do conservadorismo em Portugal. Dessa forma, podemos afirmar que *Mulheres de Abril* e *Os Memoráveis* são produtos culturais feitos em um momento do tempo presente do qual tais perspectivas políticas e econômicas estavam em destaque.



## 7. Sobre a política portuguesa nos dias de hoje

# 15

O historiador Fábio Chang de Almeida, em artigo intitulado *A direita radical em Portugal: da Revolução dos Cravos à era da internet* (2015), faz um balanço das ações e do avanço da direita radical em Portugal a partir da conquista da democracia, com o 25 de Abril, até o ano de 2012. Para Almeida, o fim das instituições salazaristas que censuravam organizações políticas, o espaço que as mídias sensacionalistas dão às figuras da direita radical e, mais recentemente, a grande utilização da internet por parte desses grupos a fim de propagar seus ideais foram acontecimentos decisivos para a guinada da direita radical em terras lusitanas. (ALMEIDA, 2015, p. 120). Entretanto, à época do artigo referido, a direita radical portuguesa ainda não havia atingido um grande crescimento dentro da política institucional. Nas últimas eleições legislativas, em março de 2024, o partido de extrema-direita Chega (CH), fundado em 2019, angariou 18% dos votos, tendo assim, um crescimento exponencial em relação às eleições de 2022, quando conquistou 7% dos votos.

### Para finalizarmos

→ A esta altura, você já deve ter percebido que nas narrativas que estamos estudando, a presença de personagens femininas é bem alta. Não é mesmo?

Vamos pensar no por que isso acontece?

## 16

As produções da indústria cultural, já há algum tempo, estão se mostrando como importantes veículos de apropriação e divulgação das temáticas que circundam as questões femininas, inclusive às participações das mulheres em diversos processos históricos, como a Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal, no dia 25 de Abril de 1974. É, portanto, cada vez mais intensa a representação de personagens e vivências femininas nas produções culturais tanto em Portugal, quanto em outros países.

## Agora é com você!

1. O cantor e compositor brasileiro Chico Buarque fez duas versões para a música *Tanto Mar*. A primeira, de 1975, foi censurada no Brasil, mas ele lançou em Portugal; a segunda, de 1978, ele fez após os censores brasileiros liberarem a música. Leia as duas versões da canção:

Tanto Mar (1975) (Chico Buarque)	Tanto Mar (1978) (Chico Buarque)
Sei que estás em festa pá Fico contente E enquanto estou ausente Guarda um cravo para mim Eu queria estar em tua festa pá Com a tua gente E colher pessoalmente Uma flor do teu jardim	Foi bonita a festa pá Fiquei contente E inda guardo renitente Um velho cravo para mim Já murcharam tua festa pá Mas certamente Esqueceram uma semente N'algun canto de jardim
Sei que há léguas a nos separar Tanto mar, tanto mar Sei também quanto é preciso pá Navegar, navegar Lá faz primavera pá Cá estou doente Manda urgentemente Algum cheirinho de alecrim	Sei que há léguas a nos separar Tanto mar, tanto mar Sei também quanto é preciso pá Navegar, navegar Canta a primavera pá Cá estou carente Manda novamente Algum cheirinho de alecrim

Para saber mais, assista a entrevista de Chico Buarque sobre as duas versões de *Tanto Mar*: [https://youtu.be/Pj5VuYSmd4k?si=\\_fZB-TeWnjówrlA9](https://youtu.be/Pj5VuYSmd4k?si=_fZB-TeWnjówrlA9)

Por que, em 1978, Chico Buarque decidiu mudar a letra da canção? Use trechos das letras para justificar sua resposta.

17

2. Observe a relação das fontes analisadas aqui com o tempo. É possível perceber que ambas estabelecem relações com o passado e o presente. Porém, o uso do passado, muitas vezes, contribui para criar caminhos para ser trilhados em direção ao futuro. Em qual das narrativas você percebe maior preocupação com o futuro? Justifique sua resposta.

3. Em *Mulheres de Abril*, observamos atentamente a relação de três personagens: Carlos, Ana e Nuno. Abaixo, descreva as características e ideologias políticas de cada personagem.

**Carlos**

Ideologia política:

**Nuno**

Ideologia política:

Como é a relação de Carlos com a filha, Ana?

Como é a relação de Nuno com Ana?

18



## Agora, vamos investigar.

Para isso, as informações a seguir é importante:

- *Mulheres de Abril* foi idealizada e escrita por Henrique Oliveira em conjunto com sua produtora, *HOP!*, e encomendada pela emissora nacional, *RTP*. Sendo assim, estamos lidando com um produto da indústria cultural desenvolvido em uma parceria público-privada.
- Ao longo dos episódios, foram feitas propagandas para marcas multinacionais, como é o caso da *Apple* e da *Mercedes-Benz*.
- A produção da minissérie foi quase inteiramente masculina. Henrique Oliveira chegou a afirmar, em entrevista à *RTP*, que o objetivo dele era mostrar o olhar feminino sobre a Revolução. Será que isso é possível com somente uma mulher, Mariana Esteves, na produção de um único episódio?

- **A partir das informações acima e do que estudamos até aqui, responda:**

**a**

Você acredita que a construção das personagens da minissérie favoreceu a antipatia por alguma delas? Se sim, qual? E porque você chegou a essa conclusão?

**b**

Você acredita que a construção das personagens pelos produtores da minissérie tem relação com as questões políticas de Portugal antes e durante o ano de 2014? Justifique sua resposta.

#### 4- Leia os materiais a seguir:

- Em entrevista dada à RTP, em 06 de novembro de 2023, o historiador Fernando Rosas (23min.42seg.) diz que entre os seus 15 anos e os 28 anos, não fez mais nada além de lutar contra a ditadura salazarista e contra a guerra colonial, se lembrando de que foi preso duas vezes e estava vivendo na clandestinidade quando do 25 de Abril. Rosas conclui dizendo que para ele, o 25 de Abril vem como o primeiro dia do resto de sua vida e chegar a idade em que está e, ainda, há 50 anos da Revolução de Abril e

[...] ver este esmorecimento da democracia, ver esta coisa pastosa que está instalada, esta ausência de política como razão estratégica, quer dizer, uma espécie de impolítica, que se trata da governança, mas não do governo; trata dos negócios, mas não das ideias e isso é perpetuar-se como chão da democracia, eu acho que isto não vai acabar bem.

\*Para assistir à entrevista acesse o link: <https://www.youtube.com/live/zshU9oHDp0k?si=5jhYWp00vp853c1A>. 24min.20seg.

- Em uma das passagens do romance *Os Memoráveis*, antes do início da entrevista, o Oficial de Bronze (um dos entrevistados), diz:

Começo por dizer que era para si mesmo causa de grande admiração que a CBS se tivesse interessado pelo caso português, quando o caso português não interessava mais a ninguém, a começar pelos próprios portugueses. E aí, Margarida Lota deixou que o Oficial de Bronze expusesse o seu lugar-comum de modéstia, tendo apenas feito um breve comentário. Disse – “Na verdade existe um efeito redutor da história, senhor coronel. Esse efeito...” O oficial fixou Margarida Lota, moveu a pasta sobre a mesa, interrompeu-a - “Ah! Minha senhora, minha senhora, o efeito redutor da história, a quem vem falar a senhora desse efeito terrível. ” (JORGE, 2014, p.83).

- Notícias sobre as últimas eleições em Portugal: **20**



Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1v1r44lekdo>



Disponível em:  
<https://p.dw.com/p/4eEv9>

- Escolha um colega e, em dupla, elaborem um texto relacionando a minissérie Mulheres de Abril, o romance Os Memoráveis aos processos políticos que têm acontecido em Portugal. Não se esqueçam de pensar nos usos do passado e nos usos das temáticas que envolvem as mulheres.

## REFERÊNCIAS

CURSINO, Karina Frez. “A História em vigília”: a Revolução dos Cravos em Os Memoráveis, de Lídia Jorge. *Histórias Públicas*, v. 1, n. 1, 2023, p. 169-191.

DE ALMEIDA, Fábio Chang. A direita radical em Portugal: da Revolução dos Cravos à era da internet. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 41, n. 1, p. 98-125, 2015.

GASTÃO, Ana Marques. “Todas as contradições da minha cidade têm um espelho no céu”: entrevista com Lídia Jorge”. *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 141-158.

VARELA, Raquel. Conflito ou coesão social? Apontamentos sobre história e memória da Revolução dos Cravos (1974-1975). In. \_\_\_\_\_. *Revolução ou Transição*. Lisboa: Bertrand editora, 2012, p. 185-206.



### 3 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, tem se intensificado o interesse por discussões que tratam sobre as trajetórias das mulheres nas sociedades, sendo um fenômeno presente em diversos países, principalmente naqueles que possuem governos considerados democráticos e liberais. As produções da indústria cultural, já há algum tempo, estão se mostrando como importantes veículos de apropriação e divulgação das temáticas que circundam as questões femininas, inclusive às participações das mulheres em diversos processos históricos, como a Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal, no dia 25 de abril de 1974. É, portanto, cada vez mais intensa a representação de personagens e vivências femininas nas produções culturais tanto em Portugal, quanto em outros países.

Os portugueses e portuguesas vivenciaram uma ditadura durante mais de 40 anos, que teve início no ano de 1933, tendo como líder António de Oliveira Salazar. O regime que ficou conhecido como Estado Novo português ou Salazarismo, como assinala o cientista político Claudio de Farias Augusto (2011, p. 21), foi idealizado desde o final dos anos 1920, se tornou o regime autoritário mais longo da Europa e em todo o tempo que o Salazarismo existiu, seu principal líder manteve uma forte conduta “anticomunista, antiliberal e antidemocrática”.

A partir de 1974, os primeiros estudos acerca do Salazarismo – entendido aqui, de acordo com Luís Reis Torgal (1994, p. 73), como “termo de sentido essencialmente político-cultural, ideológico e mental”, começaram a ser publicados e, posteriormente, discussões sobre o caráter fascista do regime ganharam ênfase, como foi abordado pelo cientista social António Costa Pinto (1992) em *O Salazarismo e o fascismo europeu: Problemas de interpretação nas ciências sociais*. A singularidade do regime de Salazar levou à debates acadêmicos que pretendiam compreender a influência do fascismo nas estruturas do Estado Novo, o que, de acordo com António Pinto (1992, p. 96), rendeu a comparação com a Itália de Mussolini: “Foi também já em estudos sobre a queda do salazarismo que Manuel de Lucena foi afinado a sua definição dos anos 70, partindo da distinção entre fascismo e insistindo na similitude entre o regime italiano e o português”.

O Estado Novo português teve um considerável aporte da Igreja Católica, não sendo apenas por meio de apoios públicos:

Sempre que isso lhe foi pedido ou a esse esforço se prestou voluntariamente, emprestando-lhe grande parte dos seus ritos e símbolos. [...]. Esta forneceu-lhe, [...] um modelo de mobilização, sincronizando o “renovar da prática religiosa” [...] com a função “salvadora” do novo poder político, aspecto por vezes subestimado (Pinto, 1992, p. 59).

Além do apoio religioso, do anticomunismo e antiliberalismo, o regime português exerceu perseguições à opositores políticos, por meio da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), e iniciou a guerra colonial, em 1961, a fim de não perder o controle das colônias africanas. O início e a opção pela manutenção prolongada da guerra colonial foram uma das principais questões para o enfraquecimento do Estado Novo. Marcello Caetano, sucessor de Salazar no comando da ditadura, não conseguiu superar a deterioração dos valores do regime e nem a necessária resolução da questão colonial. Para Cláudio Augusto (2011, p. 33):

Os rápidos desdobramentos do combate no continente africano, acrescidos de pressões políticas internas e externas que se intensificavam cada vez mais, e as não menos rápidas complicações de ordem econômico-financeira do império como um todo (em grande parte, causadas pelo próprio conflito) levaram o país a um impasse.

Os militares, outrora apoiadores do regime, a partir da extensão da guerra colonial e de influências socialistas, se tornaram sujeitos centrais no golpe de 25 de abril de 1974, depondo Marcello Caetano e derrubando, por fim, o Salazarismo. Em 25 de abril de 1974 deu-se início ao movimento que marcou o fim do Estado Novo português – regime que, ao longo de seus mais de 41 anos de existência, se apropriou dos ideais fascistas, tendo como principal representante o ditador António de Oliveira Salazar – a partir desse processo que ficou conhecido como Revolução dos Cravos, os portugueses e as portuguesas puderam experimentar liberdades e direitos sociais que foram conquistados ao longo dos enérgicos dezoito meses da revolução.

O dia do levante acabou se tornando uma data festiva, comemorada nas universidades por meio de eventos acadêmicos, na televisão a partir de minisséries e documentários e, principalmente, nas ruas. É possível afirmar que se encontram nas comemorações atuais, tanto os militantes políticos da esquerda socialista, quanto os militantes da direita liberal. A historiadora Raquel Varela (2012), reitera que o 25 de abril é o feriado de Portugal que mais tem adesão da população. Cerca de 50 a 100 mil pessoas desfilar na Avenida Liberdade, em Lisboa, e as comemorações se estendem por todo o país, com exaltação à Revolução e aos direitos democráticos e de segurança social obtido por meio dela. Para Varela (2012, p. 187), além de ser um dia de festa, o 25 de abril tem uma particularidade:

Junta, no mesmo desfile, homens e mulheres que fizeram a revolução, iniciada a 25 de abril de 1974, e dirigentes que iniciaram a contrarrevolução, encabeçando o golpe de 25 de novembro de 1975. Esta imagem, que se repete ano após ano, é possível porque há um largo consenso na sociedade portuguesa, hoje, sobre as virtudes de

uma revolução que trouxe as liberdades democráticas e pôs fim à guerra colonial e à ditadura do Estado Novo.

A Revolução dos Cravos pode ser considerada, portanto, um processo histórico que promoveu rupturas na sociedade portuguesa e foi constituído como um fato histórico que deveria ser celebrado e rememorado com frequência. No ano seguinte ao processo revolucionário, o 25 de abril foi logo institucionalizado como um dia político a ser lembrado. Assim, destaca o historiador Daniel Filipe Quinzerreis Ramalho (2015, p. 34-35):

Após o 25 de abril há toda uma tentativa de esquecimento do passado recente bem patente na institucionalização da Revolução como Dia de Portugal logo no seu primeiro aniversário [...] o governo de Vasco Gonçalves, com o apoio do Presidente da República general Costa Gomes institucionaliza o feriado do 25 de abril como o Dia de Portugal.

Para que haja a compreensão das hipóteses que serão expostas adiante, é preciso se voltar ao período imediato pós-revolucionário e a instrumentalização do passado nas comemorações da Revolução dos Cravos ao longo do período democrático.

A chamada contrarrevolução, ocorrida em 25 de novembro de 1975 foi compreendida como um processo que afastou o Estado português do caráter socialista da Revolução dos Cravos, ainda que suas conquistas tenham sido asseguradas. Sobre o 25 de novembro, Fernando Rosas (2015, p. 12) salienta que foi um processo diferente “de uma clássica e violenta resposta contrarrevolucionária”:

Ao contrário do que pretendiam a extrema direita e certos sectores da direita, não houve prisões massivas de “vermelhos”, anulação das liberdades públicas, dissolução de partidos ou encerramento de sindicatos ou das suas publicações, o PCP manteve-se no governo provisório e a Constituição de 1976 consagraria o objetivo do socialismo, a irreversibilidade das nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário e o papel das CT.

Ademais, Rosas (2015) também assinala que houve um acordo entre o Grupo dos 9<sup>2</sup> e o Partido Comunista Português (PCP), de forma velada, para limitar os avanços da revolução, o que acabou afastando os possíveis desdobramentos violentos, característicos de uma contrarrevolução. Acordo que modificou aspectos decisivos, como a legitimidade eleitoral em detrimento da legitimidade revolucionária e, não menos importante, aniquilaram o Movimento de Forças Armadas, reconstituíram a hierarquia anterior das Forças Armadas e,

---

<sup>2</sup> De acordo com o historiador Fernando Rosas (2015, p. 14): “Grupo de 9 oficiais do MFA e do Conselho da Revolução que subscreveram um documento recusando quer a ‘via totalitária’, quer a ‘via social-democrata’, defendendo a gradual transição para um socialismo adequado ‘à realidade concreta portuguesa’”.

dessa forma, invalidaram o pacto com a força bélica que possuía o movimento popular no processo revolucionário. Para Fernando Rosas (2015), nesse momento, a revolução terminou. Entretanto, ela conseguiu assegurar suas conquistas políticas e sociais, e os direitos e liberdades que arrebataram durante a luta revolucionária.

Aqui, torna-se necessário o entendimento de que:

Há, portanto, um ser e um não ser na revolução portuguesa de 74/75. Ela teve a força de subverter a ordem estabelecida atingindo os fundamentos do próprio sistema capitalista, mas não conseguiu segurar e, menos ainda, aprofundar essas aquisições num poder socialista durável. Foi travada a meio caminho e perdeu boa parte das suas conquistas mais avançadas na contrarrevolução mansa que se estabeleceu com a “normalização democrática” (Rosas, 2015, p. 13).

É preciso considerar que, nesse processo, foi perdido o caráter socialista da Revolução dos Cravos e, além disso, que existe, atualmente, um esforço de parte das direitas portuguesas em associar os ganhos de liberdades e direitos civis ao momento contrarrevolucionário (Rosas, 2015).

Dessa forma, busca-se atender aos requisitos do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, da UNIFAL/MG propondo o desenvolvimento de um material didático enquanto Objeto de Aprendizagem par ser utilizado nas aulas de história do ensino básico, tendo como proposta a análise dos usos do passado sobre a Revolução dos Cravos, explorados por dois produtos culturais, de formatos distintos, que aqui foram utilizados como fontes históricas. O primeiro, a minissérie televisiva *Mulheres de Abril* (2014), produzida pela emissora de Rádio e Televisão de Portugal; o segundo, o livro literário *Os Memoráveis* (Jorge, 2014), ambas as fontes históricas foram cunhadas no ano de 2014, em Portugal.

Utilizando-se, em alguns momentos, do recurso da comparação, buscou-se identificar os elementos presentes em trechos de *Mulheres de Abril* e de *Os Memoráveis* que se relacionavam com os discursos políticos propagados em 2014 e com a associação de sujeitos históricos femininos aos usos do passado do 25 de Abril de 1974. Para tanto, foi necessário discorrer sobre as especificidades de cada fonte, o que se procurou fazer no momento da análise.

Durante o processo de investigação, observou-se que os elementos relacionados aos sujeitos históricos femininos foram demasiadamente explorados, de forma explícita e proposital ou não. Entretanto, a partir de uma rápida pesquisa sobre a Revolução dos Cravos, o que fica evidente é que os sujeitos históricos ativos do processo ocorrido em 25 de Abril foram os homens, integrantes das Forças Armadas - o que não poderia ser diferente, já que as

mulheres foram excluídas da vida pública de Portugal durante os mais de 40 anos em que o Estado Novo vigorou, sendo assim, por que existiu o interesse de criar produtos culturais representando personagens femininas que dialogam com as memórias produzidas no presente do processo ocorrido em 25 de Abril de 1974 e seus desdobramentos? Os discursos políticos contemporâneos se articulam com a opção das mulheres enquanto protagonistas das narrativas aqui em questão? A intenção principal não é, de forma alguma, responder a essas questões de forma definitiva; mas sim, criar caminhos para a construção de possibilidades de respostas e, sobretudo, estimular esse processo investigativo para a edificação do conhecimento histórico na sala de aula.

Com a intenção de oferecer recursos teóricos para que os/as docentes possam desenvolver a análise proposta aqui de forma satisfatória, optou-se por conceituar os usos do passado já relacionado às celebrações referente ao 40º aniversário da Revolução dos Cravos. Entretanto, antes de partir para discussão deste conceito fundamental, entende-se ser importante, logo de início, as apresentações da minissérie *Mulheres de Abril* e do romance literário *Os Memoráveis*.

#### 4 MULHERES DE ABRIL E OS MEMORÁVEIS

Em 2014, Portugal comemorou os 40 anos da Revolução dos Cravos, como parte das comemorações foi transmitida a minissérie televisiva *Mulheres de Abril* (2014), idealizada e escrita por Henrique Oliveira em conjunto com sua produtora, *HOP!*<sup>3</sup> e exibida pela emissora nacional, *RTP*<sup>4</sup>. As gravações da minissérie se deram durante o mês de março de 2014<sup>5</sup>, principalmente, na cidade do Porto, onde o enredo é centrado. Entretanto, também ocorreram gravações na cidade de Lisboa, na vila Carrazeda de Ansiães e na província histórica de Trás-os-Montes<sup>6</sup>.

Busca-se, neste trabalho, relacionar os usos do passados feitos na minissérie com os usos de temáticas relacionadas às mulheres, com o desenvolvimento de narrativas revisionistas e com o crescimento do neoliberalismo na sociedade portuguesa atual.

A produção é composta por cinco episódios e sua exibição inicial foi na segunda-feira, 21 de abril de 2014, às 23h. Os episódios foram exibidos, diariamente, ao longo da semana, até o dia 25 de abril de 2014, que, de forma simbólica, foi veiculado o seu último episódio. Atualmente, a minissérie pode ser acessada por meio do canal de streaming da RTP Play, pertencente à emissora nacional de Portugal<sup>7</sup>.

Primeiramente, há de se levar em consideração duas informações: a) a narrativa é quase inteiramente produzida por homens; b) a seguinte afirmação do escritor e idealizador da minissérie: “não foi difícil escrever na perspectiva da mulher”<sup>8</sup>. Henrique Oliveira acredita ter construído um material sob o ponto de vista das mulheres, além disso, entende-se ser importante analisar a afirmação dos pesquisadores Adriana Pierre Coca, Renato Essenfelder e Haline Maia (2022, p. 170) no estudo intitulado: *Mulheres de Abril: a Revolução dos Cravos traduzida em um docudrama com o olhar feminino*:

[...] esta investigação volta-se a uma narrativa de ficção seriada entrelaçada a um momento histórico relevante para os portugueses, narrado sob a ótica das mulheres. Em síntese, voltamos nosso olhar à forma como a minissérie “Mulheres de Abril”

<sup>3</sup> Henrique Oliveira é o fundador da empresa portuguesa de produção independente *HOP!*, focada em produzir dramas seriados. Disponível em: <https://hopfilms.pt/about-us/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>4</sup> A Rádio e Televisão de Portugal (RTP) é uma empresa do Estado português que se ocupa de transmissões de rádio e televisão. Disponível em: <https://hopfilms.pt/about-us/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160816150934/http://www.porto24.pt/cultura/a-revolucao-dos-cravos-vista-pelas-mulheres-de-abril-e-a-partir-do-porto/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.vip.pt/elas-sao-mulheres-de-abril>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>7</sup> De maneira genérica, *streaming* é uma tecnologia que distribui conteúdo de áudio e vídeo por meio da internet, sem a necessidade de baixá-lo e armazená-lo em um aparelho.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160816150934/http://www.porto24.pt/cultura/a-revolucao-dos-cravos-vista-pelas-mulheres-de-abril-e-a-partir-do-porto/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

configura significados ao abordar a condição feminina desde a Revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal, que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos.

Em contraposição a interpretação de que a minissérie foi produzida a partir da ótica das mulheres, há os dados de produção de cada episódio que apontam uma pequena participação feminina na construção da minissérie, tendo somente uma mulher, Mariana Esteves, em conjunto com Henrique Oliveira, na elaboração do último episódio (Mulheres [...], 2023).

A narrativa central se desenvolve na cidade do Porto durante um jantar em comemoração ao aniversário de 60 anos de Ana, a personagem protagonista, interpretada pelas atrizes Ana Bustorff. Para o encontro, foram convidadas somente mulheres, Luísa (Paula Mora), a amiga de longa data; Isabel (Lourdes Norberto), a mãe; Patrícia (Carla Maciel), a filha; Rosa (Márcia Brea), antiga funcionária da família e Maria (Sónia Balacó) e Sofia (Betriz Soveral), as netas. O jantar prossegue durante os cinco episódios e, no decorrer da narrativa, cada mulher presente, representadas por quatro gerações distintas, contam suas histórias que tem início na segunda década do século XX até o ano de 2014. O 25 de abril de 1974 é colocado pela produção – por meio de elementos narrativos, simbólicos e técnicos da linguagem audiovisual – como o marco que possibilitou um momento de rupturas na sociedade portuguesa e, principalmente, na vida das mulheres.

O romance literário de Lídia Jorge, também publicado no ano de 2014, traz uma narrativa que se passa 30 anos após a Revolução, quando a jornalista que vive nos Estados Unidos, Ana Maria Machado, é convidada para produzir um documentário sobre o 25 de Abril para a rede televisiva CBS, na qual trabalha. Ana, inicialmente relutante com a ideia, é convencida pelo colega Bob Peterson e pelo seu padrinho, ex-embaixador dos Estados Unidos em Lisboa.

Já em Portugal, após anos sem retornar, Machado recrutou dois amigos da época dos estudos, Margarida Lota e Miguel Ângelo, para ajudá-la na missão que havia aceitado; a partir daí os três jovens dão início a uma série de entrevistas a personagens que vivenciaram o dia da Revolução e seus desdobramentos. Todo esse processo ocorre mesclado às memórias pessoais da protagonista, que há tempos não se encontrava com o pai, Antônio Machado, do qual não possuía boa relação desde que ambos foram abandonados por sua mãe, Rosie Honoré Machado. Ana Maria escolheu os entrevistados por meio de uma antiga fotografia pertencente ao seu pai, jornalista lisboeta renomado que, assim como os entrevistados, viram com seus próprios olhos o 25 de Abril, entusiasmados perante a possibilidade de ruptura com o passado ditatorial.

#### 4.1 USOS DO PASSADO

Em 2014, Portugal comemorou os 40 anos da Revolução dos Cravos e ao analisar esse ano em um artigo intitulado *Passado e presente em 2014: as disputas públicas das memórias da ditadura e da redemocratização no Brasil e em Portugal* (2023), os pesquisadores Fernando Perlatto e Maria Inácia Rezola (2023, p. 8-11), utilizando-se de periódicos e por meio de comparações entre o caso brasileiro e o caso português, afirmam que:

Em Portugal, as celebrações dos 40 anos do 25 de abril ocorreram em um contexto particularmente difícil, depois de quase três anos de vigência de um programa de assistência financeira externa. [...] A crise econômica e, sobretudo, o clima de tensão que então percorria a sociedade portuguesa tiveram um inevitável reflexo nas celebrações dos 40 anos da Revolução do 25 de abril.

Perlatto e Rezola (2023, p. 14-15) ainda indicam a existência de duas realidades importantes para a compreensão das celebrações do 25 de abril de 2014, como exemplificado na passagem a seguir:

[...] foi destacado o grande comparecimento ao desfile na Avenida da Liberdade, deixando patente que “a revolta e a alegria saíram à rua em Lisboa”. Mobilizando um número inédito de pessoas, as celebrações foram uma festa, mas também um protesto, recuperando-se um dos slogans mais icônicos de 1974: “O povo unido jamais será vencido”. Segundo a imprensa, o “Povo na rua desafiou o Governo”, manifestando “emoção e revolta” e pedindo uma “nova revolução”. Em suma, “muitos a celebrar Abril contra Passos”, em protestos contra o governo, o presidente da República e “a situação”. Pouca atenção foi dedicada às cerimônias da Assembleia da República ou a outras iniciativas do governo, tidas como “bafientas”. Essa situação mereceu uma crítica de Manuel Carvalho no Público, denunciando a celebrações de “dois 25 de Abril”: o do “parlamentarismo e da democracia representativa”, e o do basismo e da democracia popular”. [...] Apesar de algumas tentativas de desvincular as duas realidades (crise/celebrações) [...] as comemorações de 2014 ficaram reféns do momento, revelando a profunda insatisfação da sociedade portuguesa com as políticas governamentais: “O 25 de Abril que se viveu no dia de ontem não foi o de 1974, mas o de 2014 feito em nome do de 1974. Nesse contexto, é fácil avaliar como a estratégia editorial adotada pelos órgãos de imprensa analisados se revelou desajustada. Assente na ideia de que, apesar da crise, o país fizera um enorme progresso desde 1974, a orientação que os principais jornais imprimiram às evocações dos 40 anos do 25 de Abril teve pouca correspondência com o pulsar do país.

Como sugeriu a passagem acima, o ano de 2014 – que compreende as fontes históricas aqui em questão – foi percebido enquanto um momento de disputas de narrativas acerca do que havia sido e significado a Revolução dos Cravos. De um lado, pessoas às ruas protestando contra o governo português e apontando os retrocessos vividos desde 1974 e; do outro lado, manifestantes frisando que o país só vive uma democracia porque a Revolução de abril

aconteceu e, portanto, é necessário respeitar os agentes históricos que participaram ativamente desse processo e celebrar a data do fato histórico.

A Revolução dos Cravos foi logo incorporada aos temas preferidos a serem explorados pela indústria cultural portuguesa, tendo como uma das primeiras obras o documentário português *As Armas e o Povo* (1975), produzido pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha, ainda durante o Processo Revolucionário em Curso, período conhecido como PREC. Atualmente, o processo revolucionário continua sendo um tema amplamente utilizado nos produtos culturais portugueses, como é o caso das narrativas ficcionais aqui em questão, produzidas no ano de 2014. Essas narrativas compartilham uma ação central para a construção desta pesquisa: o uso do passado, ou seja, de um processo histórico como tema principal.

Para as autoras Alessandra Gasparotto e Carolina Silveira Bauer (2021, p. 439):

“Usos do passado” é uma expressão utilizada para fazer referência às diferentes relações que estabelecemos com o passado, seja através de narrativas historiográficas ou de memórias, em seus mais diversos formatos (comemorações, monumentos, testemunhos, etc.). “Usamos” o passado a partir de um determinado espaço, por isso dizemos “usos públicos”, como referência ao espaço público; além de “usá-los” com finalidades específicas, educativas instrucionais ou políticas, por exemplo. A partir dessas instrumentalizações, confere-se visibilidade ou se promove o esquecimento; legitimam-se políticas públicas; mobilizam-se questões étnicas e identitárias; estabelecem-se origens e rupturas. Independentemente do “uso” feito sobre o passado, essas narrativas são construídas ou evocadas a partir de um determinado presente, trazendo suas marcas nessa “utilização”.

Os usos do passado, assim, podem apresentar diferentes intencionalidades e objetivos. Uma narrativa televisiva seriada, como é o caso de *Mulheres de Abril* e uma narrativa literária, como *Os Memoráveis* constroem percepções sobre a realidade. Ainda que se utilizando do passado, essas produções carregam mais elementos do presente em que elas foram desenvolvidas, do que elementos do passado representado. Portanto, as fontes estudadas aqui correspondem mais aos anseios de 2014.

Os usos do passado têm sido debatidos a partir do caso português, com ênfase, inclusive, na sua contribuição para a construção da memória acerca da Revolução dos Cravos. Para a historiadora portuguesa Luciana Castro Soutelo (2012), o estudo da memória compreende um espaço em constante mudança, em que diversas versões a respeito do passado convivem e se contrapõem, algumas delas gozam de maior aceitação pública do que outras. Analisar a memória sobre experiências revolucionárias fomenta questões sobre como a revolução é entendida nos dias de hoje. Desde a segunda metade da década de 1970, formou-se um direcionamento conservador na concepção política internacional, seguido pelo neoliberalismo, considerada cada vez mais como única condição política possível. Este

contexto político, a partir da década de 90, deixou de ser entendido como ideologia e passou a ser compreendido enquanto normalidade social, o que tira a legitimidade de mudanças sociais, fazendo com que a noção de revolução atinja uma significação largamente negativa (Soutelo, 2012).

Soutelo (2014) afirma que o revisionismo histórico tem se desenvolvido no espaço público português como um fenômeno sociopolítico no fim da década de 1980 e atingido seu apogeu em meados da década de 1990, quando a Revolução dos Cravos completou seu vigésimo aniversário. Ainda para a historiadora, o fortalecimento das interpretações revisionistas se deu, principalmente, nos meios jornalísticos e televisivos.

A particularidade do caso português em que o fim da ditadura ocorreu através de uma revolução social permite que se constatem tendências de revisionismo histórico em ambos os sentidos: tanto no sentido de desculpabilizar o salazarismo, aligeirando o seu carácter repressivo e mitigando os seus custos sociais, quanto no sentido de condenar a Revolução pelo seu radicalismo. Assim como no caso espanhol, em que o revisionismo histórico recupera as teses franquistas de explicação do passado, este género de interpretação a respeito do Estado Novo baseia-se, em larga medida, nos mitos e autorrepresentações do regime salazarista. Fernando Rosas salienta o carácter de retomada e reelaboração de “velhos temas da historiografia conservadora ou até do discurso estadonovista, progressivamente ressuscitados” (Soutelo, 2014, p. 276).

As considerações de Luciana Soutelo (2014) evidenciam um movimento que acontece na sociedade portuguesa atual e é importante de ser levado em consideração: o fortalecimento de interpretações históricas cunhadas durante o salazarismo. Ainda de acordo com a autora, os revisionismos históricos que se desenvolvem no debate público e, também, os que se fortalecem dentro do meio intelectual

[...] fazem parte da complexa dinâmica das sociedades de informação e consumo de finais do século XX, [...] reconhecendo-se que ambas [interpretações revisionistas] dialogam e orientam para o mesmo público identificado com uma cultura política de direita e suas versões da memória (Soutelo, 2014, p. 281).

Considerar a análise da autora sobre a formação política da sociedade portuguesa em 2014, marcada pelo crescimento do conservadorismo e de tendências do espectro político de direita, é importante para a compreensão da construção das narrativas presentes em *Mulheres de Abril* e em *Os Memoráveis*. Ainda para Soutelo (2012, p. 248-249):

O uso público da história ocorrido na imprensa entre 1985 e 1995 pôs em foco a variante portuguesa do revisionismo histórico como modelo interpretativo da revolução de 1974. Trata-se de versões da memória que beneficiam de um lento, mas progressivo crescimento ao longo do período em análise – o que está relacionado com a propagação de valores de cunho conservador, não apenas em

Portugal mas em âmbito internacional. Logo, o espírito do tempo impõe seu reflexo nas visões sociais do passado, do presente e do futuro. Isso significa, no caso português, um considerável avanço do revisionismo histórico no âmbito da memória da Revolução dos Cravos, tendência continuamente contrariada pelas opiniões que insistem em afirmar a revolução e seu legado como traço fundamental da democracia portuguesa. De modo que o combate pela memória realizado no espaço público indica uma disputa entre visões do mundo divergentes, com o fim de delimitar a visão social hegemônica da história acerca do passado recente.

A partir das considerações de Soutelo (2012) sobre os usos do passado na construção da memória da Revolução e de sua constatação sobre a relação do liberalismo e do conservadorismo nesse processo, é possível afirmar que *Mulheres de Abril* e *Os Memoráveis* são produtos culturais cunhados em um momento do tempo presente do qual tais perspectivas políticas e econômicas estavam em voga. Diversos autores já se debruçaram sobre a tentativa de compreensão desse fenômeno, portanto, parte-se agora para o entendimento da presença de sujeitos históricos femininos enquanto personagens protagonistas das narrativas estudadas aqui. Antes, é preciso discorrer acerca da história das mulheres em Portugal, bem como suas lutas para a conquista dos direitos civis.

#### 4.2 A HISTÓRIA DAS MULHERES E SUA INSERÇÃO ATIVA NA SOCIEDADE PORTUGUESA

A chamada História das Mulheres se faz como campo de estudos que possibilita apreender a construção e as ações do gênero feminino em diversas temporalidades e espaços. Portanto, acredita-se ser pertinente explicar, ainda que sucintamente, a forma como o campo supracitado se concretizou na historiografia.

O princípio da História das Mulheres se deu na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos por volta da década de 1960, alguns anos depois, este campo foi acolhido pelos franceses. Para a historiadora Michelle Perrot (2012, p. 19), referência quando se trata de História das Mulheres: “Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – concorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na história em particular. ”. Os fatores científicos, para Perrot (2012), dizem respeito à crise do marxismo e estruturalismo que levou a historiografia a se ater a subjetividade e, além disso, se envolver com outras áreas das Ciências Humanas, especificamente a Antropologia. Passou-se, então, a considerar a família, a perspectiva sexuada dos comportamentos e a apreender as mulheres como sujeitos históricos ativos. Os fatores sociológicos têm relação com a entrada das mulheres no mercado de trabalho após a Segunda Guerra Mundial e a presença feminina nas

universidades. Por último e não menos importante para a emergência da História das Mulheres, foram os fatores políticos que estão relacionados ao movimento de liberação das mulheres, movimento este que contava com a participação de mulheres intelectuais. De acordo com Perrot (2012, p. 20):

O movimento de liberação das mulheres, desenvolvido a partir dos anos 1970, não visava de início à universidade e suas motivações não incluíam a história: contava com o apoio de mulheres intelectuais, leitoras de Simone de Beauvoir, que acreditavam que tudo estava resolvido no livro *Le Deuxième sexe*. Esse movimento teve consequências no saber, de duas diferentes maneiras, pelo menos. De início, em busca de ancestrais e de legitimidade, por seu desejo de encontrar vestígios e torná-los visíveis, começou um “trabalho de memória” que continua a desenvolver-se desde então no seio da sociedade em seu conjunto. A longo prazo, esse movimento teve ambições mais teóricas. Pretendia criticar os saberes constituídos, que se davam como universais a despeito de seu caráter predominantemente masculino.

A construção do campo da História das Mulheres se deu em meio à complexidade de fatores que envolviam a crise epistemológica das ciências humanas e, também, às mulheres que integravam, cada vez mais, o espaço público, além das organizações de grupos femininos que discutiam sobre as questões que diziam respeito à situação das mulheres na sociedade, como foi o caso do movimento de liberação das mulheres.

Enquanto pesquisas que tratavam sobre a história das mulheres aconteciam noutros países da Europa, como o caso dos citados acima, Portugal vivenciava uma ditadura há, pelo menos, 27 anos. Este fato levou os movimentos feministas, a produção acadêmica acerca da História das Mulheres e, até mesmo, a participação feminina em cargos públicos e políticos acontecerem com maior intensidade após a Revolução. Abaixo, a historiadora portuguesa, Irene Pimentel (2008) ressalta o seguinte:

Como sabem, até 25 de Abril de 1974 a situação das mulheres em Portugal era baseada no Código Civil napoleónico de 1867, que, por exemplo, colocava a mulher em uma situação de obediência face ao marido, que era o chefe de família. Isso aconteceu até 1974. Enfim, em 1876 houve um novo Código Civil, mas que na prática seguiu o de 1867; tinha uma cláusula que se chamava “O Depósito da Mulher Casada”. O que é isto? Se a mulher, por qualquer razão, quisesse sair – por maus tratos, por exemplo – da casa conjugal, o marido podia recorrer ao juiz, e o juiz obrigava essa mesma mulher a retornar à casa conjugal, onde tinha dever de obediência ao marido.

O Estado Novo de Oliveira Salazar dificultou o acesso das mulheres à universidade; na medida que as incentivava, por meio de um discurso romantizado que enaltecia o papel das portuguesas no ambiente privado, como as ações referentes à criação e educação dos filhos e à organização do lar e ao cuidado do marido.

Com o advento do Estado Novo, a situação da mulher regrediu. Em 1932, em resposta a uma pergunta de António Ferro sobre qual seria o papel destinado à mulher no novo governo e regime, o recém-empossado Presidente do Conselho de Ministros, Oliveira Salazar, afirmou que «...a mulher casada, como o homem casado, é uma coluna da família, base indispensável de uma obra de reconstrução moral» e «a sua função de mãe, de educadora dos seus filhos, não era inferior à do homem». Segundo ele, devia-se deixar «o homem a lutar com a vida no exterior; na rua... E a mulher a defendê-la, no interior da casa». [...] As mulheres, que constituíam o «esteio» dessa família tradicional defendida pela ideologia salazarista, tinham sido atiradas pelo regime liberal para o mercado de trabalho onde entravam em concorrência com os homens e por isso, com o novo regime, deveriam regressar ao «lar». Para defender esse regresso à família e a separação de esferas de actuação entre homens e mulheres, Salazar aparentemente valorizou o papel de mãe e de esposa (Pimentel, 2008).

Tendo em vista o difícil cenário para as mulheres durante o Salazarismo, pode-se imaginar que a história das mulheres teve um desenvolvimento tardio na academia portuguesa. A historiadora Irene Vaquinhas (2019, p. 38) explica que:

A área de estudo de história das mulheres teve seu início, em Portugal, a partir dos anos 1970, não obstante algumas iniciativas esporádicas na década anterior, realizadas à margem dos meios académicos, no âmbito da oposição ao regime autoritário do Estado Novo. A partir da referida década começou a se questionar o lugar das mulheres no processo histórico, obrigando a rever-se a sua ausência e a conferir-lhes uma visibilidade que lhes permitiu acender ao estatuto de sujeito e à cena da história.

Após o 25 de Abril de 1974, Portugal passou a andar próximo a outros países europeus que discutiam já há algum tempo a situação das mulheres na sociedade, dessa forma, houve uma crescente mobilização de movimentos sociais, como o caso dos movimentos feministas que ajudaram a fomentar questionamentos sobre a situação feminina no país e a incentivar a busca, por parte das mulheres, a ocuparem os espaços que foram negados a elas durante tantos anos. Dessa forma, tal qual na academia, as mulheres puderam ocupar um maior espaço na produção cultural portuguesa, explorando temáticas de suas vivências, como a escritora Lúcia Jorge, em *Os Memoráveis*. Todavia, as temáticas femininas também passaram a ser utilizada por produtores homens, como fez Henrique Oliveira, em *Mulheres de Abril*.

Atualmente, o feminismo em Portugal - assim como em outros lugares do mundo - é diverso e herdeiro de muitas vertentes que, em momentos distintos, tiveram ressonância na sociedade. As historiadoras e feministas portuguesas, Manuela Tavares e Maria José Magalhães (2014), salientam que a partir dos primeiros anos deste milênio, deu-se início a um avanço na internacionalização dos feminismos a partir de novas formas de ação, utilizando a internet e a diversidade do pensamento feminista. Para elas, pode-se afirmar que o feminismo em Portugal é composto por uma pluralidade de correntes que são aptas a fomentarem

alianças com objetivo de conquistarem

[...] reivindicações fundamentais, já no início do século (aborto, políticas sociais para o combate à violência contra as mulheres, casamento entre pessoas do mesmo sexo, educação sexual obrigatória nas escolas, lei da paridade, legislação sobre parentalidade) (Tavares; Magalhães, 2014, p. 108).

Neste processo, cabe questionar o motivo dos produtores da minissérie terem se debruçado sobre personagens femininas e suas vivências. Pensando nisso, é importante ressaltar que, por conta das recentes conquistas das mulheres de direitos civis e da crescente inserção nos espaços públicos, no mercado de trabalho e nas ciências, há a hipótese de que – por se tratar de um debate que tem sido amplamente feito na academia e na opinião pública, como salienta Irene Vaquinhas (2019, p. 39) – os idealizadores da minissérie tenham se utilizado das personagens e questões femininas por ser um tema em voga e possibilitar maior audiência, além disso, a temática colabora para dar foco ao antes e depois da Revolução na vida das mulheres, enfatizando o ganho de liberdades individuais e ignorando as mulheres pobres, negras e imigrantes em todo o contexto, o que faz com que a hipótese de uma perspectiva excludente e conservadora na minissérie seja mais reforçada.

#### 4.3 A NARRATIVA FICCIONAL NA MINISSÉRIE *MULHERES DE ABRIL* E NO ROMANCE OS MEMORÁVEIS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÕES

Não é de hoje que as produções culturais, de diversos formatos, se utilizam do passado para criar suas narrativas ficcionais e seus enredos. Desconsiderar esses produtos altamente consumidos por diferentes públicos, alegando seu caráter ficcional, é perder um material que possui fartas potencialidades de construção do conhecimento histórico. Sendo assim, propõem-se aqui uma perspectiva que entenda as fontes históricas construídas a partir de narrativas históricas ficcionais enquanto produtos do tempo em que foram cunhadas, com potencial de vestígios desse tempo; e não do tempo em que objetivaram representar.

O historiador Marcos Napolitano (2015, p. 276), quando discorreu sobre as fontes históricas audiovisuais, destacou que:

[...] a “sociedade não é mostrada, mas encenada”, e são os elementos da encenação – narrativa ou alegórica – que devem nortear os princípios da análise do historiador. Na narração, a ação dos personagens predomina e tenta coincidir com a representação. Na alegoria, a representação nem sempre remete a uma ação diegética (ou seja, aquela que se passa no universo ficcional do filme), sendo importante a

justaposição de elementos no plano e na sequência filmicos que nem sempre remetem a uma causa-efeito de natureza “realista”. O que importa é não analisar o filme como “espelho” da realidade ou como “veículo” neutro das ideias do diretor, mas como o conjunto de elementos, convergentes ou não, que buscam encenar uma sociedade, seu presente ou seu passado, nem sempre com intenções políticas ou ideológicas explícitas. Essa encenação filmica da sociedade pode ser realista ou alegórica, pode ser fidedigna ou fantasiosa, pode ser linear ou fragmentada, pode ser ficcional ou documental. Mas é sempre encenação, com escolhas predeterminadas e ligadas a tradições de expressões e linguagem cinematográfica que limitam a subjetividade do diretor, do roteirista, do ator. É nessa tensão que se deve colocar a análise historiográfica.

Acredita-se ser pertinente estender a reflexão acima tanto para fontes audiovisuais, quanto para as fontes de carácter literário. Posto que as ficções literárias e audiovisuais podem ser ricos materiais para a construção do conhecimento histórico, partir-se-á para as análises de *Mulheres de Abril* e *Os Memoráveis*, respectivamente. Primeiramente, é importante indicar que, a partir de uma análise prévia de ambas as narrativas ficcionais, se formulou dois pressupostos distintos de possíveis intencionalidades e interpretações para cada uma das fontes. São elas:

1. Acredita-se que *Mulheres de Abril* se relacione, de forma mais intensa, com o objetivo de atingir um maior público, com intenção mercadológica expressiva, buscando criar público. Aproxima-se, assim, da parcela da população portuguesa que – como já explorado aqui com o apoio de Soutelo (2014, p. 276) – tende “tanto no sentido de desculpabilizar o salazarismo, aligeirando o seu carácter repressivo e mitigando os seus custos sociais, quanto no sentido de condenar a Revolução pelo seu radicalismo”. Condizentes com o fenómeno que tem ocorrido mundialmente: o avanço da extrema-direita (Soutelo, 2012);
2. Em *Os Memoráveis*, Lídia Jorge (2014) parece se aproximar, a partir de suas personagens, de um grupo de portugueses que se apegaram à possibilidade de ruptura total com o passado salazarista e a construção de um futuro baseado em uma revolução socialista, porém, se decepcionaram e amarguraram com os rumos tomados pelo país, em um processo em que o historiador Fernando Rosas preferiu chamar de contenção da Revolução, em entrevista dada no dia 06 de novembro de 2023, ao programa *Prova Oral*, da RTP (Prova Oral, 2023). Jorge ainda trouxe em sua narrativa uma crítica ao esquecimento atual em relação aos sujeitos históricos e suas ideologias à esquerda que participaram e celebraram, ao lado das Forças Armadas, o 25 de Abril de 1974, nas ruas de Lisboa.

#### 4.4 O CASO DE MULHERES DE ABRIL

*Mulheres de Abril* foi uma minissérie exibida em Portugal, no ano de 2014, como comemoração aos 40 anos da Revolução dos Cravos. A narrativa se desenvolve a partir das vivências e experiências das personagens femininas, representando as décadas anteriores a Revolução, o período pré-revolucionário, o 25 de Abril e a contemporaneidade em que foi exibida. As telenovelas podem ser compreendidas enquanto “um centro de produção da memória” e acredita-se ser pertinente estender essa percepção às produções audiovisuais no geral. A autora Maria Lourdes Motter (2000, p. 80) destaca:

A telenovela, assim como a definimos, independentemente das possibilidades metodológicas de aferição e mensuração, permite-nos afirmá-la como um centro de recuperação, reconstrução, produção, atualização, irradiação e manutenção de memória. No jogo que estabelece entre esses diferentes aspectos, o presente com suas marcas de época tais como cenários, comportamentos e os conflitos, traz o passado [...] num diálogo em que se processam a rememoração e o mapeamento do presente em construção apontando já para o futuro.

Levando em consideração não só a potencialidade dos produtos culturais de construção da memória, mas também de criação de interpretações da realidade, é importante atentar-se também para o potencial de alcance de público que uma minissérie pode ter. Sobre isso, se acrescenta alguns dados de audiência de *Mulheres de Abril*, quando transmitida pela primeira vez:

Apesar do horário, o episódio de estreia de *Mulheres de Abril* registou um bom resultado audiométrico da série para a RTP: 3,0% de rating e 7,5% de share (285 000 espetadores). Foi o 27º programa mais visto nesse dia. Estes valores viriam apenas a ser superados aquando a transmissão do último episódio da minissérie, que registou 3,1% de rating e 8,3 de share (294 500 espetadores) (*Mulheres [...]*, 2024).

Os níveis de audiências do primeiro e do último episódio de *Mulheres de Abril* foram considerados altos, o que é importante para uma produção desenvolvida por meio de iniciativas público-privadas, como foi o caso.

As produções versaram sobre temas que abordam construções políticas, históricas e sociais portuguesas que se relacionam às questões de gênero, como a influência da Revolução Cultural da década de 1960, a dificuldade de acesso das mulheres à educação, a violência física, sexual e psicológica contra as mulheres e às restrições sofridas por elas durante o Salazarismo<sup>9</sup>. O documento possui potencial para auxiliar na compreensão dos esforços – de

<sup>9</sup> Entendido aqui, de acordo com Luís Reis Torgal (1994, p. 73), como “termo de sentido essencialmente

um grupo específico da sociedade – em atribuir sentido à relação das mulheres com a Revolução dos Cravos, utilizando esse processo para construir uma memória coletiva sobre a ditadura e sobre o 25 de Abril e seus desdobramentos.

Na medida em que a minissérie foi exibida a partir de uma rede de televisão aberta, o potencial de venda de produtos por meio dela é considerado grande e certamente facilitou o encontro de financiadores para a produção de Henrique Oliveira. Por exemplo, todos os aparelhos celulares que aparecem na produção são da *Apple*, multinacional estadunidense que comercializa produtos eletrônicos. Em 2014, a empresa se preparava para lançar, em Portugal, um novo modelo de aparelhos de telefonia móvel<sup>10</sup>. Esta informação é importante para entendermos que uma produção com o objetivo de atingir um público vasto, provavelmente optará por explorar temas e ideologias que estão fortes e em evidência, como é o caso de temáticas que exploram as vivências femininas, já que podemos dizer que desde a Revolução, a conquista de diversos espaços por parte das mulheres tem sido constante. Além disso, como enfatiza a historiadora Luciana Soutelo (2014, p. 264), existe um fenômeno social revisionista em curso desde a década de 1990, em diversos países, que buscam reinterpretarções de seus passados recentes, explorando:

[...] tendências apologéticas sobre o passado no que diz respeito a regimes nazi-fascistas e, de forma ampla, ditaduras de direita do século XX; releituras que procurar redistribuir o ônus da culpa a propósito de invertendo-se os juízos social e historiograficamente dominantes de modo a converter os opressores em vítimas; e criminalização de revoluções, movimentos e processos revolucionários e, de forma mais geral, visões de mundo e valores de esquerda – o que se faz, em todos os casos, através da desconsideração do contexto histórico em análise.

Acredita-se que os produtores de *Mulheres de Abril*, a fim de não desagradar um público imerso em um processo histórico crescente, elucidado acima por Soutelo (2014), de forma proposital ou não, construíram uma narrativa para as personagens de Nuno, comunista e ex-namorado da protagonista Ana; e Carlos Guedes, personagem conservador, admirador do salazarismo e pai de Ana. Enquanto a personagem de Nuno é construída com características que fazem com que os consumidores da minissérie sintam antipatia, uma vez que ele é apresentado como um homem frio que, quando jovem abandonou sua namorada grávida e, quando já idoso, pouco interagia com sua família; a personagem de Carlos Guedes é representada com características cômicas, além de ser um pai que acolheu a filha grávida com

---

político-cultural, ideológico e mental”.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://blogdoiphone.com/noticias/portugal-iphone6/#google\\_vignette](https://blogdoiphone.com/noticias/portugal-iphone6/#google_vignette). Acesso em: 10 mar. 2024.

carinho e a apoiou em um momento frágil, de vício em drogas.

No segundo episódio, intitulado *Uma calma e lânguida primavera*<sup>11</sup>, transmitido em 22 de abril de 2014, na cena que se inicia em 08 minutos, a narrativa representou o dia 27 de julho de 1970, momento em que acontecia o velório da avó de Ana. Durante a cerimônia, Guedes chegou ao recinto possuindo um jornal em mãos e, com semblante visivelmente enlutado, senta-se ao lado de um colega que percebeu sua tristeza. Em seguida, estende o jornal e diz: “Salazar morreu.”. Toda a cena é trabalhada para mostrar que Carlos Guedes estava mais abalado com a morte do ditador, do que com a morte de sua sogra.

No terceiro episódio, intitulado *Um longo e quente verão*<sup>12</sup>, exibido no dia seguinte ao segundo episódio. No minuto 13 e 20 segundos, a personagem Carlos Guedes estava dentro de seu carro novo, da marca *Mercedes-Benz*, juntamente com sua esposa. Ela diz que ele deveria deixar o logotipo da marca em exposição do lado de fora do carro, entretanto, Guedes disse, com seu jeito atrapalhado e cômico, que aquele era um carro capitalista e, agora, com os comunistas (a cena se passa após a Revolução, em junho de 1975), ele não iria deixar o logotipo exposto. Logo após, se inicia uma cena na qual Guedes estava em uma mesa de bar com seus colegas que defendiam o movimento revolucionário, e ele deixa explícito que não compactua com a Revolução e diz ao seu colega: “sou da pátria, do trabalho, da família. Agora tu, o camarada, o comunista, tu és igual a eles. Queres que sejamos todos iguais, todos pobres!”. Em seguida, Guedes levantou-se da mesa a dizendo que ia trabalhar e enfatizando que ele trabalha, como dizendo que é diferente dos colegas defensores da Revolução, que ele chamou de comunistas se utilizando de tom pejorativo.

Em 15 minutos e 14 segundos do mesmo episódio, enquanto Guedes esconde o dinheiro de sua empresa embaixo do colchão – com medo de depositar no banco, já que agora os comunistas estavam no poder – Ana chegou ao quarto e o chamou para conhecer o seu namorado, Nuno, que já estava na sala. Na cena que se inicia em 17 minutos e 45 segundos, Ana apresentou Nuno para seus pais; Guedes, aparentemente sem muito assunto, olhou para o noticiário que estava sendo transmitido na televisão e disse para o rapaz que acabara de conhecer: “Eu só espero que você não seja um desses esquerdistas que apoiam este louco.”. E Nuno responde: “Por acaso sou. Por mim, eu punha todos esses porcos fascistas no campo quente”. Guedes, assustou-se com a petulância do jovem, questionou como ele tinha a coragem de falar daquela forma com o dono da casa e Nuno rebateu dizendo, como ameaça que, em breve, aquela casa poderia deixar de ser de Guedes, pois os comunistas iriam tomá-la.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x30kwi5>. Acesso em: 10 mar. 2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x31125l>. Acesso em: 10 mar. 2024.

A discussão acabou com Guedes colocando Nuno para fora da casa.

Ainda no mesmo episódio, na cena que se inicia em 19 minutos e 27 segundos, Carlos Guedes estava assistindo à televisão quando, sorrindo, teve a ideia de sair à noite e, com a ajuda do funcionário de sua empresa, pintar a seguinte frase em um muro: “Atenção comunistas...Os índios também eram vermelhos e foderam-se!”. Na cena seguinte, Guedes estava com seus amigos em um bar, quando um deles, lendo ao jornal, comenta sobre o movimento de forças salazaristas, que estava escrevendo dizeres fascistas nas paredes das ruas do Porto e demonstrou preocupação em relação à organização de cunho fascista. Nesse momento, Guedes quase se engasgou com o café e pediu licença para se levantar, tentando esconder seu sorriso no rosto. É importante mencionar que, durante as cenas citadas, a trilha sonora - um dos elementos técnicos que fazem parte da fonte histórica audiovisual, e que, em conjunto com enredo, dão sentido à narrativa- foi utilizada por parte dos produtores para trazer um sentimento leve e cômico.

Ainda no mesmo episódio, Ana descobriu que estava grávida - na cena que se inicia em 22 minutos e 41 segundos, ambientada no quarto de Nuno, em meio a pôsteres do Che Guevara, Pink Floyd, The Beatles e da cantora Janis Joplin, - decide dar a notícia a Nuno, seu namorado comunista, que se mostrou revoltado, negando que o filho seria dele e acusando Ana de ter feito sexo com outros homens. Consternada com a situação de abandono, após dar à luz, Ana se envolve com o uso de heroína, que a levou a se distanciar durante meses de sua filha e de sua família. Quando Ana volta para casa, ela é recebida sem julgamentos e de braços abertos por pelo seu pai e sua mãe.

Pode-se entender a partir do que foi discutido e analisado aqui, que a personagem de Gomes, assumido defensor da ditadura de Salazar, foi construída como um homem de bom caráter, bom pai e engraçado, o que facilita o ganho de simpatia por parte do público. Em contrapartida, Nuno, defensor dos ideais socialistas da Revolução, foi construído enquanto um homem sem caráter, que abandonou a namorada grávida e duvidou de sua fidelidade. Sem dúvidas, a construção da narrativa se mostrou próxima das ideias revisionistas explicadas neste texto, com o apoio das discussões da historiadora Luciana Soutelo (2014). Existem outros momentos da minissérie que poderiam ser discutidos e que colaborariam com essa hipótese, entretanto, é preciso, ainda, discorrer acerca dos silenciamentos ensurdecedores da narrativa.

Uma vez que *Mulheres de Abril* representa uma temporalidade que se inicia a partir da década de 1920 e se estende até ao ano de 2014, a produção poderia ter explorado a questões relativas à guerra colonial, à repressão e às perseguições políticas ocorridas durante a ditadura

e às questões abrangem às mulheres pobres, pretas e imigrantes em Portugal, entretanto, todas essas questões foram deixadas de lado. É importante frisar que a produção foi feita com o objetivo de celebrar o 40º aniversário da Revolução, como enfatizado por Marinalva Barbosa (2006, p. 14-15), parte do processo de escolha do

[...] que será comemorado passa, necessariamente, pela escolha do que será esquecido.[...] Sem dúvidas, as comemorações constituem uma das estratégias de multiplicação de práticas voltadas para o exercício de reconstrução do passado que produz uma espécie de dilatação do campo comemorável na contemporaneidade. [...] Mas se é preciso comemorar o passado, se é necessário lembrar aspectos desse pretérito para colocar em cena uma linearidade de tempo que não mais existe, é preciso também esquecer. Como lembra Huyssen (2005), a partir da tese de Heidegger, a memória só é possível a partir do esquecimento. Assim, comemorar, antes de recordar, é esquecer.

O esquecimento, portanto, parece ser inevitável e fazer parte de uma escolha, consciente ou não, do que será lembrado, comemorado e enfatizado. A escolha não é neutra e faz parte de uma disputa pela construção da memória do passado em que o vencedor, por sua vez, possivelmente irá traçar o caminho do futuro para uma sociedade.

#### 4.5 O CASO DE OS MEMORÁVEIS

Lídia Jorge, escritora portuguesa de 77 anos, possuidora de uma carreira marcante que teve início na década de 1980, com o romance *O Dia dos prodígios* (Jorge, 2010), tem como os principais temas de suas obras o passado colonial e ditatorial; o significado das revoluções; as tensões entre a sociedade moderna e pós-moderna; os conflitos entre gerações; as condições femininas e a emigração (Lídia [...], 2023). Além de explorar tais temáticas, Jorge ainda é conhecida por ser uma autora que consegue atenuar, de forma complexa, a linha entre historiografia e ficção, e entre a vida privada e os rumos políticos da nação portuguesa.

No romance *Os Memoráveis*, em meio aos dramas familiares de Ana Maria Machado, protagonista da narrativa, diversos sujeitos históricos fictícios, que vivenciaram o 25 de Abril, são entrevistados 30 anos após o levante. Com o objetivo de produzir um documentário proposto pela rede televisiva que Machado trabalha, a jornalista leva a cabo as entrevistas citadas acima.

Partir-se-á do pressuposto de que Lídia Jorge, por meio da narrativa em *Os Memoráveis*, focou em memórias ficcionais sobre o processo revolucionário, objetivando, com isso, a reflexão acerca dos rumos político-econômicos tomados por Portugal após 1975, que acaba por ser uma possibilidade de futuro hegemônica – como já discutido a partir de

Soutelo (2012, p. 248-249) – e que vem se aproximando, cada vez mais, da extrema-direita, como é evidenciado pela já mencionada entrevista de Fernando Rosas (23m42s), na qual o historiador diz que entre os seus 15 anos e os 28 anos, ele não fez mais nada além de lutar contra a ditadura salazarista e contra a guerra colonial, se lembrando de que foi preso duas vezes e estava vivendo na clandestinidade quando do 25 de Abril, Rosas conclui dizendo que para ele o 25 de Abril vem como o primeiro dia do resto de sua vida (2m20s) e chegar a idade em que está e, ainda, há 50 anos da Revolução de Abril e

[...] ver este esmorecimento da democracia, ver esta coisa pastosa que está instalada, esta ausência de política como razão estratégica, quer dizer, uma espécie de impolítica, que se trata da governança, mas não do governo; trata dos negócios, mas não das ideias e isso é perpetuar-se como chão da democracia, eu acho que isto não vai acabar bem (Prova Oral, 2023).

O historiador, assim como as personagens entrevistadas por Lúcia Jorge, lamenta os rumos que Portugal tomou após o PREC<sup>13</sup>.

Em uma das passagens do romance, antes do início da entrevista, o Oficial de Bronze, diz:

Começo por dizer que era para si mesmo causa de grande admiração que a CBS se tivesse interessado pelo caso português, quando o caso português não interessava mais a ninguém, a começar pelos próprios portugueses. E aí, Margarida Lota deixou que o Oficial de Bronze expusesse o seu lugar-comum de modéstia, tendo apenas feito um breve comentário. Disse – “Na verdade existe um efeito redutor da história, senhor coronel. Esse efeito...” O oficial fixou Margarida Lota, moveu a pasta sobre a mesa, interrompeu-a – “Ah! Minha senhora, minha senhora, o efeito redutor da história, a quem vem falar a senhora desse efeito terrível.” (Jorge, 2014, p. 83).

Ficou perceptível o lamento da personagem em relação ao esquecimento do 25 de Abril por parte da sociedade portuguesa.

A pesquisadora Karina Frez Cursino (2023, p. 173), em artigo publicado em 2023, intitulado *A História em vigília: a Revolução dos Cravos em Os Memoráveis, de Lúcia Jorge*, faz a seguinte análise:

*Os Memoráveis*, jogando de maneira ficcional com a memória individual e coletiva, mostra a forte intenção de levar adiante a imagem da Revolução dos Cravos, seja narrando a verdade ou não, o que se torna irrelevante, pois mais importante do que acessar o discurso oficial da História é despertar a fagulha da Revolução nos tempos atuais, movendo os indivíduos de suas zonas de conforto e promovendo mudanças na maneira de pensar a democracia em Portugal.

<sup>13</sup> De 25 de Abril de 1974 a 25 de Novembro de 1975 foi considerado o Processo Revolucionário em Curso (PREC).

Para Cursino (2023), Lúcia Jorge convida as novas gerações para refletirem acerca dos rumos que o país tem seguido. Apreensiva, bem como o historiador Fernando Rosas, com o futuro de uma sociedade que tem experimentado, assim como outros países, um processo de aproximação com ideologias de extrema-direita, colocando em risco a conquista da democracia em Portugal.

*Mulheres de Abril e Os Memoráveis* se encontram na medida em que usam o passado recente de Portugal, por meio de narrativas que exploram e entrecruzam as memórias pessoais de mulheres, com as memórias políticas da Revolução. Em meio às vivências pessoais das personagens – lembradas pelas mulheres no jantar de aniversário de Ana, protagonista da minissérie; e às lembranças de Ana Maria Machado, concentradas na sua infância e início da juventude – os sentimentos de alegria em lembrar os sonhos de Abril se mesclam com os sentimentos de tristeza diante dos problemas políticos e econômicos que Portugal tem experimentado nos últimos anos (Cursino, 2023).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador Fábio Chang de Almeida, em artigo intitulado *A direita radical em Portugal: da Revolução dos Cravos à era da internet* (2015), faz um balanço das ações e do avanço da direita radical em Portugal a partir da conquista da democracia, com o 25 de Abril, até o ano de 2012. Para Almeida (2015), o fim das instituições salazaristas que censuravam organizações políticas, o espaço que as mídias sensacionalistas dão às figuras da direita radical e, mais recentemente, a grande utilização da internet por parte desses grupos a fim de propagar seus ideais foram acontecimentos decisivos para a guinada da direita radical em terras lusitanas. Entretanto, à época do artigo referido, a direita radical portuguesa ainda não havia atingido um grande crescimento dentro da política institucional. Nas últimas eleições legislativas, em março de 2024, o partido de extrema-direita Chega (CH), fundado em 2019, angariou 18% dos votos, tendo assim, um crescimento exponencial em relação às eleições de 2022, quando conquistou 7% dos votos (Unzette, 2024).

Por fim, pretendeu-se aqui uma breve análise da minissérie *Mulheres de Abril* e do romance *Os Memoráveis*, com o objetivo de compreender os usos do passado por essas produções culturais. Ambas se utilizaram do passado revolucionário de Portugal e de temas ligados às vivências femininas, porém, com objetivos diferentes.

Em *Os Memoráveis* pôde-se perceber um uso crítico do passado recente, com o objetivo de trazer reflexões sobre os rumos da democracia portuguesa; já na contramão, está a produção *Mulheres de Abril*, próxima de uma narrativa que fomenta um uso de caráter hegemônico acerca do passado recente advindas das tendências revisionistas que tendem a amenizar os crimes da ditadura de Salazar e a associar o Processo Revolucionário em Curso (PREC), que se inicia no 25 de Abril de 74 e se encerra em 25 de novembro de 1975, como um período de muita tensão.

A hipótese aqui apresentada é a de que o avanço da extrema direita e, com ele, o avanço dos revisionismos históricos tem aparecido, de alguma forma, no desenvolvimento de produtos culturais em Portugal. Assim, os usos do passado explorados tanto em *Mulheres de Abril*, quanto em *Os Memoráveis*, ainda que de maneiras diferentes, apresentam elementos que se conectam com os processos políticos atuais.

As temáticas femininas também foram exploradas de formas diferentes pelas produções. *Mulheres de Abril*, com muitos homens na produção, com suas publicidades de empresas que buscam espaço no mercado português e com suas personagens, buscou criar público e audiência explorando as temáticas femininas; já em *Os Memoráveis*, Lúcia Jorge

criou uma personagem feminina – o que não é novidade em sua carreira – que na medida que rememora seus dramas familiares e reflete sobre seu passado e presente, ela faz o mesmo com a história de seu país. Buscando chamar o leitor para fazer o mesmo exercício, a autora também o convida para relembrar o legado da Revolução e se preocupar com o futuro da democracia em Portugal.

Em *Os Memoráveis*, Lídia Jorge buscou a construção de personagens que viveram o 25 de Abril, mas se decepcionaram, em alguma medida, com os rumos de suas próprias vidas e com os da Revolução, entretanto, no decorrer das entrevistas, a fagulha do levante se acendeu novamente, levando a entender que, como demonstrado pela pesquisadora Claudia Amorim (2019, p. 294):

Os depoimentos dos protagonistas daquele tempo sublinham a importância da vigília que, à época, sustentou os fatos inesperados, possibilitando a sua permanência. Somente a vigília, esse estado de prontidão, essa necessidade de estar desperto, foi capaz de acabar com o sono torturante do salazarismo. Somente a vigília foi capaz de manter, pelo menos por um tempo, a história acordada.

Dessa forma, na medida que a autora, assim como o historiador Fernando Rosas, se demonstra preocupada com os rumos da democracia, o romance literário pareceu convidar ao público a se lembrar da vontade de construir um futuro diferente que tomou conta das ruas portuguesas em 25 de Abril de 1974.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Chang. A direita radical em Portugal: da Revolução dos Cravos à era da internet. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 98-125, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/20463/13380>. Acesso em: 20 nov. 2024.

AMORIM, Cláudia. A história acordada: tempo de ação/tempo de reflexão em ‘Os memoráveis’, de Lídia Jorge. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 42, p. 290-297, 2019. Disponível em: <https://www.convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/367/282>. Acesso em: 20 nov. 2024.

AS ARMAS DO POVO – 1975. *In*: Wikipedia. 2024. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/As\\_Armas\\_e\\_o\\_Povo](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/As_Armas_e_o_Povo). Acesso em: 20 nov. 2024.

AUGUSTO, Claudio de Farias. **A revolução portuguesa**. São Paulo: UNESP, 2011.

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1458/922>. Acesso em: 20 nov. 2024.

COCA, Adriana Pierre; ESSENFELDER, Renato; MAIA, Haline. Mulheres de Abril: a Revolução dos Cravos traduzida em um docudrama com olhar feminino. *In*: SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo e Estudos Mediáticos – Memória V**. Porto: Fundação Fernando Pessoa, 2022. p. 169-182.

CURSINO, Karina Frez. “A História em vigília”: a Revolução dos Cravos em *Os Memoráveis*, de Lídia Jorge. **Histórias Públicas**, v. 1, n. 1, 2023, p. 169-191.

GASPAROTTO, Alessandra; BAUER, Caroline Silveira. O ensino de História e os usos do passado: a ditadura civil-militar em sala de aula. *In*: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (org.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. Porto Alegre: Oikos, 2021. p. 438-451.

JORGE, Lídia. **Os memoráveis**. São Paulo: Leya, 2022.

JORGE, Lídia. **O dia dos prodígios**. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 2010.

LÍDIA Jorge. *In*: Wikipédia. 2023. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADdia\\_Jorge](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADdia_Jorge). Acesso em: 10 mar. 2023.

MULHERES de Abril. *In*: Wikipédia. 2023. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres\\_de\\_Abril](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_de_Abril). Acesso em: 1 jan. 2023.

MOTTER, Maria Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 74-87, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32893/35463>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 235-289.

PERLATTO, Fernando; REZOLA, Maria Inácia. Passado e presente em 2014: as disputas públicas das memórias da ditadura e da redemocratização no Brasil e em Portugal. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 39, n. 81, e23304, p. 1-31, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/cyPnxsrVm8bDVD4pMJXVvQP/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PIMENTEL, Irene. A situação das mulheres no século XX em Portugal (1). **Caminhos da Memória**, 2008. Disponível em: <https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINTO, António Costa. **O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas ciências sociais**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

PORTUGAL. Decreto-Lei n. 292/75, de 16 de junho. **Diário do Governo**, n. 136/1975, Série I, p. 819-822. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/292-1975-335708>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PROVA ORAL. **Fernando Rosas-Ensaio de Abril: O que foi o 25 de Novembro?** Canal: Prova Oral. YouTube, 2023. 1 vídeo [57m38s]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zshU9oHDp0k>. Acesso em: 9 jun. 2023.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMALHO, Daniel Filipe Quinzerreis. **Comemorações do 25 de abril: política e memória (1975-1986)**. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

ROSAS, Fernando. Ser ou não ser. A Revolução portuguesa de 74/75 no seu 40.º aniversário. **Forum**, Braga, n. 50, p. 5-15, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/11881?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOUTELO, Luciana Castro. O revisionismo histórico em perspectiva comparada: os casos de Portugal e Espanha. *In*: LOFF, Manuel; PIEDADE, Filipe; SOUTELO, Luciana Castro (org.). **Ditaduras e revolução: democracia e políticas da memória**. Coimbra: Almedina, 2014. p. 263-287.

SOUTELO, Luciana. Visões da Revolução dos Cravos: combates pela memória através da imprensa (1985-1995). *In*: VARELA, Raquel. **Revolução ou Transição**. Lisboa: Bertrand, 2012. p. 229-249.

TAVARES, Manuela; MAGALHÃES, Maria José. Correntes do feminismo e suas reconfigurações nos tempos atuais. *In*: FERREIRA, Eduarda et al. (org.). **Feministas: desafiar os tempos**. Lisboa: UMAR, 2014. p. 92-117.

TORGAL, Luís. Salazarismo, Alemanha e Europa. Discursos políticos e culturais. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 16, p. 73-104, 1994. Disponível em: [https://apl.sib.uc.pt/explore?bitstream\\_id=11876210&handle=10316.2/41975&provider=iiif-image#c=0&m=0&s=0&cv=0&xywh=-1745%2C-154%2C5332%2C3064](https://apl.sib.uc.pt/explore?bitstream_id=11876210&handle=10316.2/41975&provider=iiif-image#c=0&m=0&s=0&cv=0&xywh=-1745%2C-154%2C5332%2C3064). Acesso em: 20 nov. 2024.

UNZETTE, Carolina. Eleições em Portugal: centro-direita tem vitória apertada, enquanto extrema-direita cresce. **Exame**, mar. 2024. Disponível em: <https://exame.com/mundo/eleicoes-em-portugal-centro-direita-tem-vitoria-apertada-enquanto-extrema-direita-cresce/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

VAQUINHAS, Irene. História das mulheres e de género em Portugal: Horizontes temáticos e desafios atuais. **Faces de Eva: Estudos sobre a mulher**, Lisboa, v. 1, p. 37-55, 2019. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/88149/1/História%20das%20mulheres%20e%20do%20género%20em%20Portugal.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

VARELA, Raquel. Conflito ou coesão social? Apontamentos sobre história e memória da Revolução dos Cravos (1974-1975). *In*. VARELA, Raquel. **Revolução ou Transição**. Lisboa: Bertrand editora, 2012. p. 185-206.